

Demografia Mundial e por Macroregiões

Teresa Rodrigues



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

ÍNDICE

Introdução	4
I. Demografia: dos pressupostos teóricos à decisão	5
II. As causas de um mundo diferente: modelo e cronologia	7
III. Quantos somos, como somos e onde estamos	11
V. Um mundo diferente... mas previsível	33
Referências	34

INTRODUÇÃO

“Demography must be considered a major driver of politics [...] political scientists cannot afford to ignore demography in seeking to understand patterns of political identities, conflict, and change”

KAUFMANN, E., TOFT, M., «Introduction» In Political Demography: How population changes are reshaping international security and national politics

As questões populacionais figuram com crescente regularidade nos debates e nas agendas políticas e, pela sua diversidade e originalidade, exigem uma reflexão que envolva académicos, atores e decisores políticos, o que continua ainda a não acontecer com a necessária frequência. No contexto de mudança rápida que caracteriza as sociedades contemporâneas, conhecer os volumes, características etárias e por sexo de dada população, as suas dinâmicas de crescimento e distribuição no território traduz-se em um valor acrescentado para o cientista social e o decisor político. Uma vez que até certo ponto Demography is slow and highly previsible, as conclusões baseadas na análise demográfica facilitam a compreensão do presente com base no conhecimento do passado e dão informações objetivas sobre os futuros possíveis, permitindo atuar, não meramente numa lógica reativa, mas de forma preventiva e pró-ativa (Rodrigues, Santos, 2018:255).

Monitorizar o modo e as direções geográficas da dinâmica populacional e prever com razoável segurança o que irá suceder representa uma mais-valia, mesmo que o impacto dessas transformações possa ser imediato e direto ou apenas indireto. É cada vez maior a consciência sobre o modo como a população atua como preditor de fenómenos diversos e daí a necessidade de compreender o impacto do sistema demográfico no ambiente económico (riqueza, recursos naturais, equipamento, rendimento, produção e consumo), e não económico (cultura, religião, política, sociedade e comunidade) e avaliar o modo como este ambiente pode alterar comportamentos e, se o faz, como e quando (Santis, 1997). A população e as suas dinâmicas não provocam por si mesmas disrupções políticas, económicas ou sociais, mas são aceleradores de mudança, devendo ser lidas como indicadores, recursos e possíveis multiplicadores de poder (Sciubba, 2011). Tal significa que podem constituir uma janela de oportunidade, tanto quanto podem ser um risco e criar entropias de crescimento ou desenvolvimento humano, causar instabilidade social ou garantir coesão, identidade e dinamismo (Rodrigues, 2019:23). O mundo está a mudar de forma rápida e complexa. Nas próximas décadas será necessário gerir os efeitos do envelhecimento demográfico sem precedentes nos países mais ricos e enfrentar o ainda rápido crescimento populacional e juventude das populações nos restantes países. Será também necessário gerir a mundialização das migrações, porque todas as regiões, independentemente do seu grau de desenvolvimento, serão obrigadas a lidar com o volume crescente de migrantes económicos ou forçados por crises ambientais locais, instabilidade ou conflito (Gooldstone, 2015).

Sendo o tema proposto suficientemente atual e abrangente para ser objeto de abordagens de diferentes temáticas sob diferentes prismas, o presente texto visa discutir como podemos arrumar a desordem criada pelo processo de globalização e de que forma o conhecimento sobre as populações contribui para responder às inquietações suscitadas pelo processo de ajustamento à mudança global em curso. Analisar o presente e identificar os fatores que podem ser cruciais e portadores de estabilidade ou mudança é um passo fundamental para saber otimizar recursos e fazer opções estratégicas para o futuro, nomeadamente no que respeita ao caso português e ao seu lugar no contexto VUCA¹ em que vivemos. Este capítulo estrutura-se em 4 pontos: 1) reflexões teóricas

¹ VUCA é o acrónimo de Volatilidade, Incerteza, Complexidade e Ambiguidade. O U.S. Army War College utilizou esse conceito para explicar o mundo no contexto pós-Guerra Fria nos anos 90, mas só recentemente começou a ser usado em vários setores, nomeadamente estatais e empresariais.

sobre a importância dos estudos demográficos para a compreensão da realidade complexa do mundo atual; 2) identificação dos factores que explicam as diferenças regionais e o mundo a duas velocidades (que como veremos resulta das cronologias que balizam os processos de transição demográfica e epidemiológica); 3) retrato das dinâmicas globais e regionais da população mundial (por continente e em termos intracontinentais): quantos somos, como somos e onde estamos; 4) análise da evolução e impacto das tendências de resolução incerta que hoje se desenham no mundo, destacando quatro realidades paradigmáticas: os gigantes asiáticos China e Índia, a velha Europa e a jovem África.

I. DEMOGRAFIA: DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS À DECISÃO

O contributo da Demografia para compreensão da realidade atual faz-se a dois níveis distintos, embora complementares: por um lado ela permite uma melhor e mais objetiva e fundamentada compreensão do contexto internacional; por outro esse conhecimento pode ser utilizado no apoio à tomada de decisão sobre matérias distintas, sendo o garante de que essa tomada de decisão é feita com base em informação objetiva e quantificada. As duas vertentes coexistem naturalmente, porque falamos de uma ciência instrumental de análise, de reflexão e de ação, que visa o conhecimento rigoroso e científico das dinâmicas próprias das populações humanas, atenta aos seus comportamentos naturais e migratórios coletivos e às suas alterações de volume, composição e distribuição espacial, mas que não se esgota numa descrição de dados estatísticos obtidos através das contagens de efetivos residentes ou de séries anuais de nascimentos, óbitos ou migrações. Conhecer as populações é o objeto último da ciência demográfica e qualquer que seja o ano ou a região geográfica, o conhecimento das características e dinâmicas populacionais permite 5 aspetos de essencial importância para o entendimento da realidade: identificar, compreender, monitorizar, antecipar as rápidas mudanças a que estão sujeitas as sociedades atuais e as consequências associadas. E por fim atuar, já que conhecer a população é um instrumento incontornável para responder com eficácia aos desafios, mitigar riscos indesejados e garantir a promulgação de medidas racionais e sustentáveis.

Nos atuais paradigmas do sistema internacional, os contingentes humanos e as suas dinâmicas, pautadas pela desigualdade em ritmo e características resultantes de ecossistemas distintos, são um pano de fundo incontornável. Veja-se como os desequilíbrios demográficos, as assimetrias de rendimento e bem-estar e em geral as desigualdades de Desenvolvimento Humano (DH) potenciam ameaças e riscos, influenciam a estabilidade social, política, económica e financeira e estão na base dos fluxos migratórios não controlados, do tráfico de seres humanos, do crime organizado e do terrorismo (Rodrigues, 2014a). Falamos de novas populações e também de novas realidades, onde coexistem múltiplos atores e se reequacionam os equilíbrios de poder e de responsabilidade num mundo global, porém assimétrico. Assumem-se os conceitos de segurança, liberdade e justiça, agora reestruturados em função do cidadão e de um novo paradigma, a segurança humana, fundada numa nova ordem internacional marcada por novas alianças geográficas e noções de territorialidade.

É certo que lidamos com novas populações num ambiente de crescente complexidade, mas o fator de inércia que caracteriza a evolução da fecundidade e da mortalidade em termos coletivos torna possível estimar com alguma certeza qual será, como será, onde estará e quais as características da população mundial hoje e nas próximas décadas (Rodrigues, 2016). Embora as migrações escapem a esta lógica de previsibilidade, informações em matéria de volumes de população, características etárias, equilíbrios de género e etnia, distribuição geográfica, permitem uma abordagem holística das sociedades humanas e respetivos equilíbrios de poder, bem como detetar e prevenir fatores de risco, embora só tragam valor acrescentado se existir um esforço simultâneo para conhecer a conjuntura a que se reportam. A população de um Estado ou região é classicamente considerada como um elemento para aferir do seu poder. As fórmulas usadas para calcular esse poder incluem o volume total de residentes e respetiva variação no tempo, sem considerar as condicionantes relacionadas com as características dos efetivos humanos, em termos de repartição por sexo, idade, distribuição geográfica, atividade, habilitações, nacionalidade. Esta falta seria pouco relevante no passado, uma vez que então todas as sociedades cresciam a ritmos moderados, apresentavam o mesmo tipo de estrutura etária (muitas crianças, poucos idosos) e a produção económica, tendo como unidade predominante o agregado familiar mais ou menos alargado, se concentrava maioritariamente em atividades ligadas ao sector primário. Nesse contexto, a medida do poder do Estado e as relações entre Estados podiam ser dire-

tamente relacionadas, e comparáveis com base no número total de efetivos humanos. Mas nas sociedades contemporâneas e do futuro são as características desses recursos humanos que fazem da população um vetor estratégico na governança pública.

Os contributos teóricos sobre o tema optam entre considerar o capital humano como fator fundamental da equação do poder nacional ou olhar os equilíbrios entre população e recursos como potenciais preditores de conflitos. Domina a visão clássica influenciada pela Escola Realista, que centra a segurança nacional na defesa contra ameaças diretas à sobrevivência do Estado, de natureza maioritariamente militar. Com o fim da Guerra Fria vários autores enfatizam a proteção dos direitos humanos e a auto-limitação do poder coercivo do Estado e no início dos anos 80, Barry Buzan e Richard Hulman introduzem a distinção entre hard e soft security², defendendo que o estudo das populações deve ser visto em termos dinâmicos e não apenas macrodemográficos³, centrado na rede de interações e não apenas em volumes. Acrescem à dimensão militar os vetores de estabilidade interna e de proteção de segurança humana. Gradualmente a análise demográfica torna-se um instrumento central das políticas de soft security. Envelhecimento versus crescimento, imigração internacional indesejada, emergência de ameaças globais tornam-se temas recorrentes.

A reflexão sobre a importância das dinâmicas demográficas para a segurança data de 1968, com o livro de *The Population Bomb* de Paul Elrich (2009) e entendia a insegurança internacional como resultado da má articulação entre crescimento demográfico, recursos vitais e desenvolvimento económico. Defendia que no sistema internacional os equilíbrios hierárquicos entre Estados dependiam do seu volume populacional, o qual representava um fator de afirmação de poder, embora outros determinantes pudessem (ou não) reforçar esse mesmo poder⁴. A segunda linha de reflexão, de cariz mais histórico e economicista e com perfil ecológico é marcada pela obra de Weiner e Russell de inícios do século XXI (Weiner, Russell, 2001). Discute as implicações de segurança decorrentes dos moldes da relação entre população, recursos naturais e desenvolvimento e destaca os riscos para a estabilidade que representa a competição por recursos essenciais, como a água ou os alimentos. Analisa a forma como condições ambientais, tendências demográficas, doenças, tecnologia e a globalização económica criam soluções, mas também problemas para a guerra e a paz, a soberania, o desenvolvimento económico, os níveis de bem-estar coletivo. Os mais otimistas defendem as vantagens militares e económicas de populações numerosas e sublinham que o desenvolvimento económico induz inevitavelmente o aumento de segurança (Nafeez, 2015). A terceira perspetiva avoca uma ótica geoestratégica, geopolítica e prospetiva e considera que a conflitualidade atual e futura será influenciada pelas tendências e níveis diferenciais de mortalidade, fecundidade e migrações, porque o aumento populacional que ocorre sobretudo em países em desenvolvimento, interfere com o poder político, a paz social e as capacidades de arranque económico e desenvolvimento humano (Sciubba, 2011). Não obstante, sublinha o modo como a população é polivalente nas suas consequências⁵ (Rodrigues, Xavier, 2013).

² A primeira engloba respostas a ameaças militares, a segunda representa desafios de cariz política, social económica ou cultural e identitária, que poderão constituir futuras ameaças à sobrevivência do Estado. A demografia assume uma posição de fundamental relevância para a equação do poder relativo ao sistema internacional e para a definição da estratégia securitária e de defesa nacional.

³ Entende-se por macrodemográfico o estudo do volume, idade, sexo e distribuição espacial de dado universo populacional.

⁴ Como o nível médio de educação e estado de saúde, o mercado de emprego e o nível de bem-estar e qualidade de vida em termos de habitação, alimentação e lazer (Meadows, 1975)

⁵ Por ex., a existência de muitos jovens aumenta o risco de tensão social e conflito interno caso não existam respostas do mercado de emprego, de rede educativa ou de saúde, mas algumas entidades políticas podem ter nos ativos jovens a sua janela de oportunidade.

II. AS CAUSAS DE UM MUNDO DIFERENTE: MODELO E CRONOLOGIA

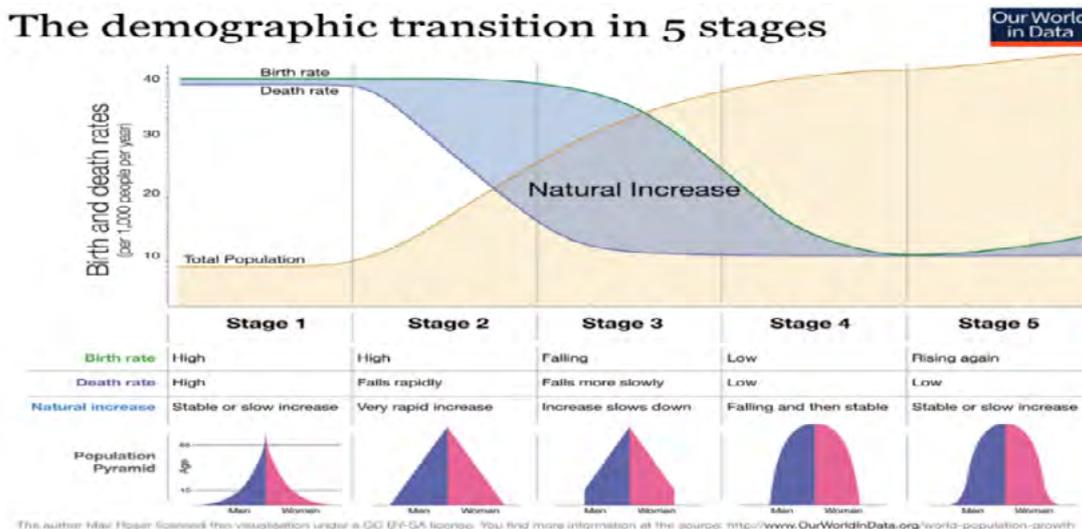
O mundo deixou de ter contornos definidos. Vivemos num mundo dinâmico, em rede, interligado, de risco, onde coexistem eventos simultâneos, que se interinfluenciam e contradizem. Trata-se de um mundo caracterizado pela rapidez, expansão, aprofundamento e impacto crescente das interligações entre pessoas, mercadorias, capital e informação. Entre as características desta sociedade de risco cumpre destacar uma fina e ampla conexão social global, que constitui a essência das sociedades de hoje. Uma sociedade leve e líquida onde se vivem sentimentos de incontornabilidade, marcada por um crescente sentimento de impotência por parte dos seus principais atores tradicionais (Estado, poder militar e forças de segurança), os quais são forçados a reinventar o seu papel e a competir com um número crescente de outros atores. Esta impotência, que se alarga ao campo das conquistas científicas e tecnológicas, contribui para o aparecimento e manutenção de elevados níveis de incerteza e insegurança nas vivências de quotidiano, mesmo que essa insegurança não seja real, mas tão só percebida, alterando o próprio conceito de segurança, conceito cuja transformação potencia o aparecimento do "outro" na esfera do "eu"/"nós" e tende a legitimar a desconfiança e a securitização de determinados vetores, nomeadamente o demográfico. A omnipresença dos riscos globais, que não respeitam fronteiras, que evoluem de forma lenta e impercetível (e em parte por esse facto têm causas difíceis de atribuir e consequências difíceis de prever) acentua essa forma de olhar o mundo, baseada em informação fácil e comunicação abundante, que ocorre num tempo curto e complexo, o que a torna difícil de escrutinar.

A Teoria da Transição⁶ e a inevitabilidade que parece acompanhar a evolução de todos os universos populacionais (Fig. 1) pode ter a resposta a estas questões. Trata-se de gerir a passagem gradual de todas as sociedades de um ciclo de vida curto e instável, com muitos jovens e poucos idosos (fases 1 a 3), para um ciclo de vida longo e estável, com poucos jovens e cada vez mais idosos (fases 4 e 5). A relativa previsibilidade que confere este modelo teórico permite saber qual será, como será, onde estará e quais as características da população mundial hoje e nas próximas décadas. Mas quando passamos à análise de tipo regional ou local (aquela em que é correto situar qualquer reflexão sobre esta matéria) é impossível garantir o modo como as alterações esperadas poderão representar uma mais-valia ou um constrangimento. Tal significa que não basta uma caracterização demográfica simples. Cada variável microdemográfica é causa e consequência das condições políticas, económicas, culturais e identitárias vigentes em determinado contexto. Reconhecemos que um aumento acentuado da população em um contexto de desigualdades económicas, culturais e identitárias agrava as tensões sociais e potencia riscos e ameaças, de que os fluxos migratórios não controlados, o crime organizado, o tráfico de seres humanos ou o terrorismo são exemplo. Do mesmo modo, as características etárias aumentam ou reduzem a probabilidade de tensão e instabilidade social e dinamismo económico e condicionam a vontade de afirmação de um Estado, povo ou etnia, as tentativas de expansionismo, o conflito étnico, o radicalismo, terrorismo, fundamentalismo religioso, degradação ambiental (Rodrigues, 2014).

⁶ Teoria atribuída a W. Thompson (1929), mas que só ganha força nos anos 1940, quando F. Notestein e K. Davis definiram as fases de transição por que passam as populações do mundo. Após o período milenar de natalidade alta e relativamente estável e mortalidade com grandes variações (fase 1), inicia-se a fase 2, marcada pelo aumento significativo da população, devido à descida acentuada da mortalidade, num contexto de fecundidade alta. Na fase 3 a fecundidade desce a par da mortalidade. O aumento populacional torna-se mais lento até que fecundidade e mortalidade estabilizam a níveis baixos. É a fecundidade que determina o ritmo de crescimento populacional, que em muitos casos é nulo ou negativo (fase 5). As diferentes fases em que se encontram as populações explicam as assimetrias regionais de crescimento (Rodrigues e Henriques, 2017).

Figura 1

As fases do modelo de transição demográfica

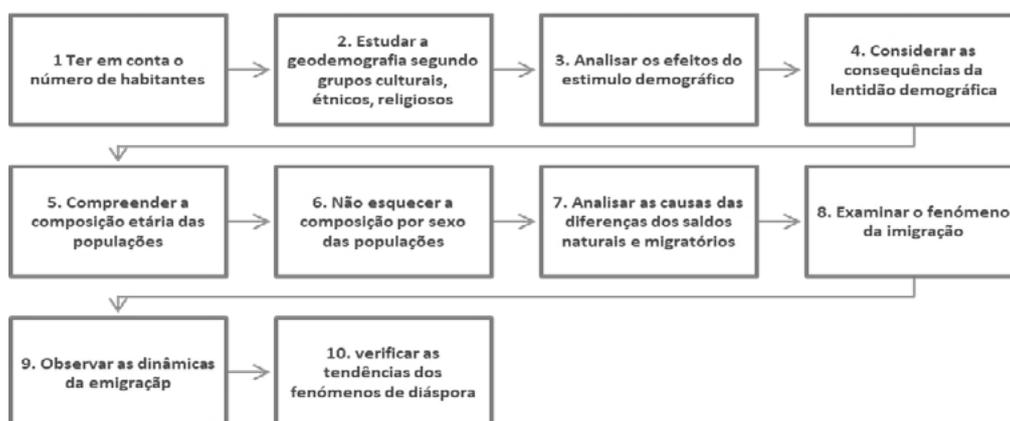


Fonte: Roser, 2017.

O uso de estudos de análise demográfica exige, pois, um esforço crítico de contextualização e interpretação, que considere fatores exógenos de diferentes características. Poderá o vetor demográfico representar um fator de instabilidade e tornar-se uma ameaça? Ou antes uma oportunidade? Os contributos da Demografia Política (DP) são particularmente interessantes nesta fase de discussão, porque nos falam do modo como as alterações demográficas afetam a diferentes escalas o contexto político, alteram a pressão sobre os recursos naturais e não naturais e da forma como diferentes atores têm tentado gerir as assimetrias que enquadram esse binómio. Avalia igualmente os efeitos que podem advir das mudanças sociais e perfis de certos subgrupos, o impacto do aumento da idade média das populações em termos de perceção de segurança, dos níveis de democracia e tendências de voto (Kaufman, Toft, 2011, Null, 2015). A DP constitui uma ferramenta analítica e preditiva essencial, porque não existe análise geopolítica válida sem o conhecimento dos efeitos das leis da geopolítica das populações (Dumont, 2010; NIC, 2017) (Fig.2). O uso do método experimental e a procura de regularidades nas interações entre dinâmicas demográficas e geopolíticas facilita a compreensão da realidade (Cincota, 2017).

Figura 2

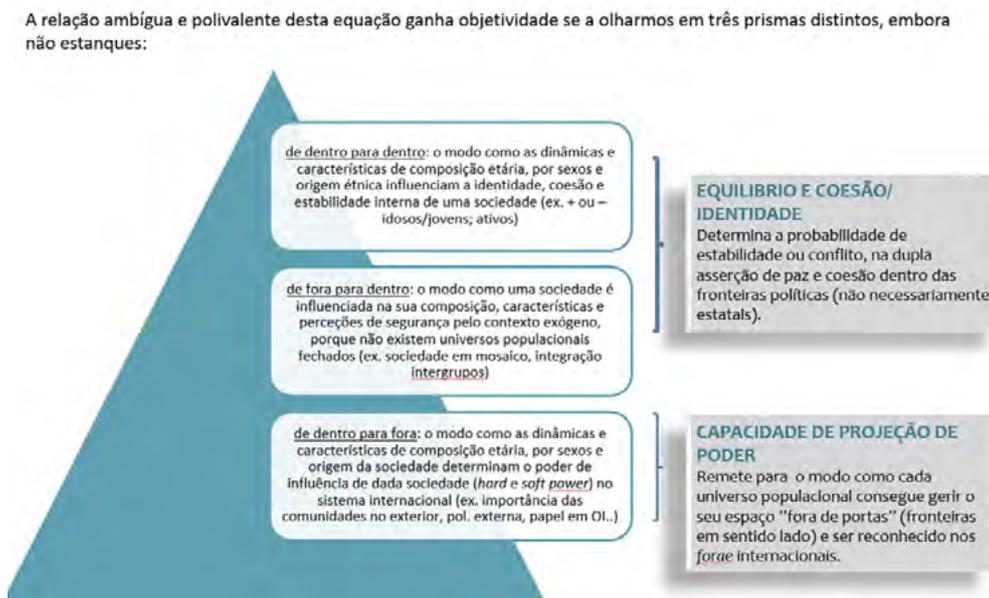
As leis da geopolítica da população



Fonte: Adaptado de Durand,2010:47

A relação entre Demografia e Política ganha objetividade se a olharmos sob três prismas distintos, embora não estanques (Fig.3): a) as dinâmicas e características por sexo, composição etária e origem étnica influenciam a identidade, coesão e estabilidade interna das sociedades; b) as sociedades são influenciadas na sua composição, características e percepções de segurança pelo contexto exógeno; e c) as dinâmicas e características populacionais determinam o poder de influência internacional de uma sociedade ou Estado em termos de hard e soft power. As disparidades de crescimento demográfico afectam o equilíbrio de poder e a relevância entre Estados, mas também intraestados. Caso da relação entre jovens e idosos no contexto de envelhecimento, entre população rural e urbana, entre grupos étnicos ou religiosos⁷ (Goldstone, 2015). O mesmo decorre das assimetrias de crescimento de diferentes grupos no seio de uma mesma comunidade explicados por diferentes comportamentos face à vida e à morte, à família e emprego, coincidentes com diferenças religiosas, étnicas ou até linguísticas (ex. dos turcos na Alemanha ou em países onde a língua oficial não corresponde ao grupo numericamente maioritário). O equilíbrio e coesão/identidade de um dado local pode também ser afetado internamente por fatores externos, embora em muitos casos sejam mais percepções que realidades. O exemplo mais conhecido relaciona-se com a securitização das migrações e ao modo como a presença de “estrangeiros” (migrantes e refugiados) propaga nas sociedades de acolhimento sentimentos de insegurança⁸. Falamos de tolerância e das dificuldades inerentes à gestão de sociedades culturalmente diversificadas, que em certos contextos conjunturais económicos e políticos podem dar azo a atitudes xenófobas e racistas (Rodrigues, 2019).

Figura 3
Jogo de Espelhos. As leis da geopolítica demográfica



Fonte: Rodrigues, 2016.

As mudanças induzidas pelas dinâmicas populacionais serão significativas nas próximas décadas (Goldstone, 2011). O relatório Global Trends 2030 (NIC, 2013) dá como certo o declínio dos países ocidentais, em larga medida ligado à redução do potencial humano. Até 2030 prevê a consolidação do Mundo multipolar baseado

⁷ O envelhecimento gera tensão entre ativos e inativos, designadamente quando provoca um acentuar da tributação dos primeiros para garantir a sobrevivência dos segundos; a escassez ou abundância de adultos em idade ativa (sobretudo quando desempregados e sem expectativas de futuro) pode fomentar situações de insegurança e elevar os episódios de criminalidade; a existência de muitos homens adultos jovens em dada sociedade potencia um grau acrescido de violência, se coexistir com níveis de formação baixos, níveis elevados de desemprego ou subemprego, contextos de exclusão social (Sciubba, 2011).

⁸ Receia-se que alterem a composição etária da sociedade (são mais jovens), retirem emprego, aumentem a competitividade e por essa via baixem os salários. As percepções de insegurança veem-se acrescidas quanto maiores são as diferenças étnicas, linguísticas e religiosas e quanto mais visíveis estas forem na vida quotidiana da sociedade de acolhimento, sobretudo em meios urbanos de maior atratividade e também maior densidade populacional

no pilar económico, cujo centro vital irá deslizar para os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que entram em concorrência com antigos estados dominantes (como o Japão, a Alemanha, a França, o Reino Unido). Na segunda linha aparecem várias potências intermédias com demografias em alta e fortes taxas de crescimento económico, chamadas a tornarem-se também pólos hegemónicos regionais com influência mundial (Colômbia, Indonésia, Nigéria, Etiópia, Turquia, Vietname). As assimetrias intra e inter-regionais agudizar-se-ão, mas as disparidades de DH entre países e regiões poderão encontrar resposta nas migrações, que permitirão resolver alguns dilemas, como os enfrentados pela Europa (com uma população envelhecida e escassez de mão-de-obra) e pelo mundo em desenvolvimento (com uma população jovem, que não é absorvida pelo mercado de trabalho). As migrações (emigração, imigração e migrações internas) são as variáveis chave do futuro, embora também as mais incertas (Rodrigues, 2012).

III. QUANTOS SOMOS, COMO SOMOS E ONDE ESTAMOS

Qualquer que seja a circunstância geopolítica, a conjuntura económica ou o nível médio de DH e bem-estar, todas as populações obedecem a um mesmo modelo de comportamento, o qual resulta da relação entre os saldos natural e o migratório. São as diferenças entre os totais de nascimentos e óbitos (saldo natural) e entre imigrantes e emigrantes (saldo migratório) que determinam os ritmos de (de)crescimento e as características de cada universo populacional. As populações eram todas semelhantes no passado recente, mas apresentam hoje variações complexas, porque as relações entre as variáveis microdemográficas (natalidade, mortalidade e migrações de entrada, de saída e internas) são mais variadas. A teoria da transição demográfica tenta explicar essa diversidade, embora o faça apenas em termos de ritmo de crescimento, sem considerar a importância das características dos recursos humanos (idade, sexo e competências), que geram disparidades cumulativas (menos ou mais capital escolar, económico, social) e não incluem fatores exógenos (ambiente físico e climático, modelo económico vigente, crenças, costumes e outros fatores comportamentais). Tal facto deve ser sublinhado, porque são precisamente estes factores que podem tornar o vetor demográfico um risco e uma potencial ameaça, a partir do momento em que se rompe o equilíbrio entre população e ambiente natural ou construído ou, ao invés, uma enorme oportunidade (Rodrigues, 2014:41). Nenhuma parte do mundo está imune aos efeitos das alterações demográficas que terão lugar nas próximas décadas. Trata-se assim de gerir o envelhecimento sem precedentes das populações nos países com melhores indicadores de DH e de enfrentar o ainda rápido crescimento e juventude das populações nos restantes. Além disso, todas as regiões, independentemente do seu grau de desenvolvimento, serão obrigadas a lidar com o volume crescente de migrantes, explicado por motivações económicas ou decorrente de crises ambientais locais, instabilidade ou conflito, num contexto crescentemente urbano (Tab.1).

Tabela 1
População. Quantos, como e onde. Vetores a considerar

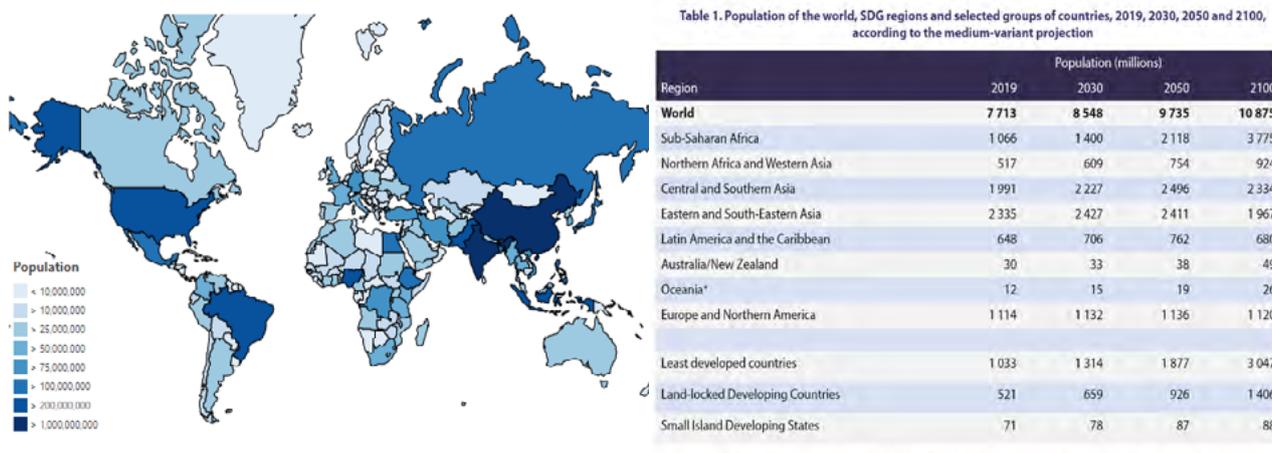
Um mundo a duas velocidades	Nas regiões menos desenvolvidas os fatores de inércia demográfica provocam o aumento rápido da população, o que só é uma oportunidade se for acompanhado de estabilidade interna e caso exista capacidade endógena do Estado envolvido para rentabilizar a vantagem do número de efetivos. Nas sociedades com melhores indicadores de desenvolvimento humano o acentuado envelhecimento das estruturas etárias fá-las perder capacidade militar e força humana. Só a aposta em alianças e investimento tecnológico poderá suprir a desvantagem do número.
A globalização das migrações	Todas as regiões se tornam emissoras e receptoras. Aumenta a percentagem e também a variedade de nacionalidades, perfis e expectativas dos migrantes. Confrontamo-nos com migrações mais sensíveis e rápidas na sua reação a conjunturas económicas, políticas e ambientais, que geram transformações de identidade, de equilíbrios de poder interno e regional e podem provocar tensões sociais e insegurança.
Urbanização e migrações internas assimétricas	A pobreza está a tornar-se cada vez mais urbana. Nas cidades residem as populações mais vulneráveis e são maiores as desigualdades sociais. A escala e complexidade das comunidades urbanas exige soluções específicas para o seu desenvolvimento e segurança (Blair, 2015). As direções privilegiadas pelos fluxos migratórios podem reduzir a qualidade de vida em locais muito procurados e aumentar a probabilidade da ocorrência e intensidade de desastres humanitários. O crescimento urbano desordenado em locais de tensão social e exclusão económica aumenta o risco de episódios de violência. O anonimato é facilitado nos bairros de construção clandestina, tornando-os safe havens para ações subversivas e terrorismo.
Envelhecimento e/ou juventude	Trata-se em alguns casos de saber o que fazer a tantos jovens e noutros que fazer com tão poucos (Population Action International, 2013). A alteração da estrutura etária influencia a capacidade económica, militar e de governança. A juventude etária tende a acentuar a reivindicação social contra o poder instituído. A descida da idade média da população pode retardar o aparecimento da democracia e dificultar a estabilidade de sistemas democráticos (Urdal, 2011). Nas sociedades com muitos idosos o isolamento e vulnerabilidade fazem aumentar as situações de insegurança, real ou percebida.

Fonte: Rodrigues, 2014.

Crescimento demográfico regionalmente diferenciado - Em dezembro de 2020 atingiram-se os 7,8 mil milhões de habitantes no mundo e estima-se até 2050 atingir 9,8, mais de 70% dos quais serão asiáticos e africanos (Fig.4). O mundo continuará a crescer a duas velocidades, com um aumento rápido nas zonas menos desenvolvidas em termos de DH, o que poderá representar uma vantagem competitiva para as mesmas, mas apenas se for acompanhado de estabilidade interna e caso exista capacidade endógena para rentabilizar a “vantagem do número”. Paralelamente, o envelhecimento das estruturas etárias das regiões com melhores indicadores de DH leva-as a perder força e competitividade, exigindo uma profunda mudança de paradigma endógeno (comportamentos, investimento tecnológico, aposta em alianças) para suprir a “desvantagem do número”. Desconhece-se como irá evoluir a trilogia população, recursos e desenvolvimento e até que ponto o facto de a geografia dos recursos não coincidir com a da população poderá originar focos de tensão local e regional. Os principais desafios do século XXI estão relacionados com a gestão e escassez de recursos vitais (água potável, solo agrícola, alimentos), da energia (localização e reservas, rede de distribuição), de desastres naturais (aumento de frequência, de vítimas mortais, de deslocados) e de conflitos e guerras pela posse de recursos naturais (o mapa dos conflitos recentes e o da distribuição dos recursos naturais de valor elevado têm grandes similaridades). As assimetrias de desenvolvimento conjugadas com o processo de degradação ambiental são fontes de preocupação e de insegurança local e regional, mas cruzam fronteiras, o que lhes garante “globalização”. A dificuldade de mitigação ou resolução dos problemas atuais é acrescida porque a sua resolução exige convergência, articulação coletiva e mecanismos de regulação internacional. Existe uma coincidência entre países com debilidades de sustentabilidade ecológica e problemas internos de segurança, que justifica a visão pessimista sobre a ligação entre população e segurança e alguma tendência para securitizar alguns dos seus vetores (sobretudo as migrações), que estão também localizados em regiões de stress ambiental.

Figura 4

O mundo desigual. População (2019) e projeção de crescimento (2015-2050)



Fonte: UN, WPP, 2020; Rodrigues, 2019; WPR, 2020; PRB, 2019

Como vimos, a teoria da transição demográfica fala-nos da passagem de um ciclo de vida curto e instável, com muitos jovens e poucos idosos, para um ciclo de vida longo e estável, com poucos jovens e cada vez mais idosos por que passam todas as populações e que permite compreender alguns dos riscos associados à população (Rodrigues, 2016:255). Em 2004 Cincotta criou o conceito de soft landing. Defendia que no futuro o mundo será menos conflituoso, porque a história prova que as tensões e os conflitos decrescem a par da descida dos níveis de fecundidade e da transição para economias de mercado (como sucedeu na Coreia do Sul, Tailândia e Malásia). Assim, países que hoje enfrentam maior probabilidade de conflito porque se encontram nas fases 2 e 3 (Iraque, Paquistão, Nigéria) irão estabilizar à medida que avançarem para novas fases de transição. Na Europa, que se encontra em transição para a fase 5, e onde o fator perturbador são as implicações de segurança decorrentes do envelhecimento e do aumento da população residente não europeia, a questão será resolvida pela redução da

pressão migratória, à medida da generalização do envelhecimento das sociedades hoje emissoras de migrantes, da melhoria dos níveis de DH e da reestruturação tecnológica do mercado de emprego.

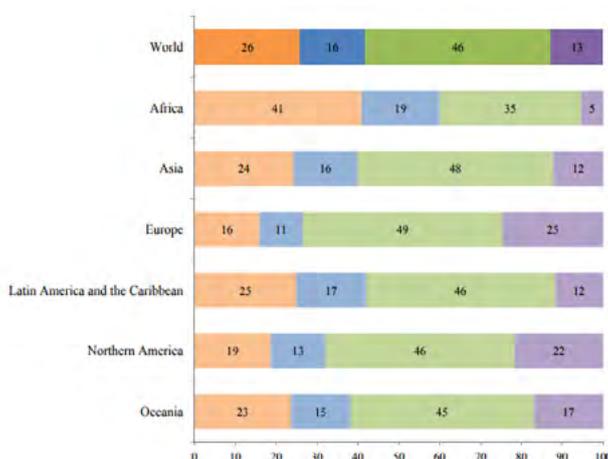
Novas configurações de estrutura etária. O que fazer a tantos idosos e o que fazer a tantos jovens? - O mundo confronta-se com um segundo dilema, que decorre da necessidade de gerir de forma sustentável e numa lógica prospetiva o volume de jovens e o aumento do total de idosos. Os desafios são distintos, embora ambos de resolução urgente e com consequências igualmente determinantes. A literatura sustenta que as características das estruturas etárias aumentam ou reduzem a probabilidade de conflito, condicionam a estabilidade interna, o dinamismo económico e a vontade de afirmação de estados, povos ou etnias. A juventude etária pode acentuar a reivindicação social contra a autoridade vigente ou aumentar o risco de tensão, sobretudo se coexistir com um aumento diferencial entre grupos étnicos e religiosos. Mas em simultâneo os estados jovens podem ter uma janela de oportunidade de desenvolvimento, devido à existência de muitos jovens adultos ativos. Por seu turno, nas sociedades envelhecidas cada vez mais urbanas, de maior dimensão e mais abertas, o isolamento e a vulnerabilidade dos mais idosos fazem aumentar as situações reais ou percebidas de insegurança, mas que irá mudar com o tempo, porque os idosos do futuro serão mais saudáveis e sobretudo mais informados e autónomos.

As percentagens de jovens, adultos e idosos atualmente existentes em cada região vão determinar futuros desiguais e o ritmo da descida dos níveis de fecundidade onde ainda são elevados será o fator decisivo na redução dos ritmos médios de aumento populacional. Existe um potencial humano sem precedentes nos países jovens (possível janela de oportunidades). As diferenças explicam-se pelas disparidades nos níveis de fecundidade, já que os dez países do mundo com maior número médio de filhos por mulher são africanos. A velha Europa (16% jovens e 18% idosos) contrasta com a jovem África (41% jovens e 3% idosos) (Fig.5), mas estes jovens serão adultos ativos nas próximas décadas e existirão em todas as partes do mundo cada vez mais idosos. A globalização gradual do envelhecimento tenderá a efetivar-se como mancha de óleo, não forçosamente acompanhando o ritmo da melhoria dos níveis de DH.

A teoria do dividendo demográfico é muito importante para entender as dinâmicas positivas geradas pela estrutura etária (UNPFA, 2017). Falamos em termos sucintos na capacidade para transformar em vantagem competitiva o potencial de uma população jovem. Exige investimento e participação do sector público em setores chave (saúde, empoderamento, educação e emprego) com vista a rentabilizar essa população em termos de potencial de crescimento económico. O período em que um país goza de uma população plena de adultos em idade ativa (rácio ativos/inativos) oferece uma janela de oportunidade para acelerar o crescimento económico e aumentar o desenvolvimento do capital humano, facto particularmente relevante no contexto de sociedades com indicadores de DH baixos. Essa maior proporção da população em fase do ciclo de vida económico produz mais do que consome, o que pode aumentar a poupança e o investimento, a capacidade de consumo, e aposta em infraestruturas geradoras de dinamismo de trocas e capital. O dividendo demográfico é medido com base no momento em que ocorre o pico de população ativa face à inativa, ponderada em função do contexto de segurança.

Figura 6

Jovens e Idosos no mundo (2017)



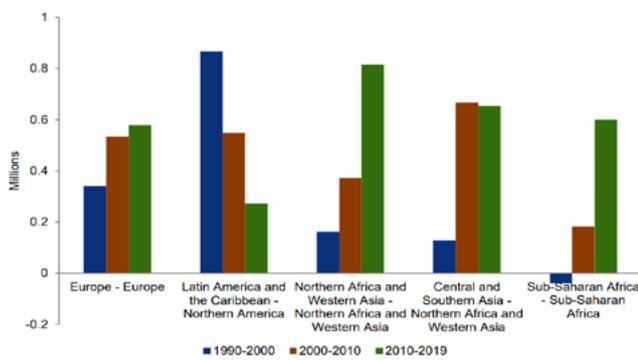
Fonte: UN, 2017.

Novas características migratórias: um mundo em movimento – A globalização potencia o fenómeno migratório, porque produz e acentua a distância entre expectativas e condições reais de vida. Todos os países são hoje em simultâneo recetores e emissores, independentemente do seu grau de desenvolvimento económico e humano e a variedade de causas migratórias aumentou, embora as motivações económicas continuem a prevalecer. As migrações internacionais apresentam-se como uma das principais características do século XXI, que Castles e Miller (2014) chamaram a age of migration. Vivemos num mundo em movimento, onde 1 em cada 7 pessoas é migrante, seja com o estatuto de trabalhador não qualificado, refugiado, estudante, profissional altamente qualificado ou outro. Vontade, necessidade e facilidade são 3 pilares das migrações contemporâneas, mas a maioria da população continua a residir no país de origem e mais de metade das migrações são internas, de curta distância e trocam zonas rurais por zonas urbanas (MÜNZ, 2013).

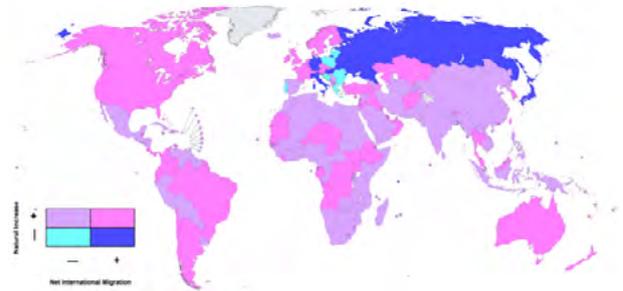
Apenas 3,5% da população mundial é migrante internacional, um total de 271,6 milhões (IOM, 2019). Mudaram as características dessas migrações, hoje diferentes nas suas causas e mais sensíveis e rápidas na reação a mudanças de conjuntura, os perfis (feminização), as classificações (todos os países têm emigrantes e imigrantes e vários tipos de migrantes, laborais, irregulares, clandestinos), as origens e destinos (predominam as migrações sul-sul) e a politização de que são alvo. Aumenta também a complexidade das causas, de que é exemplo o volume crescente de indivíduos obrigados a migrar. A situação no Mediterrâneo é um exemplo, mas outros existem. Em 2018 70,8 milhões de pessoas viviam deslocadas internamente (IDP) devido a conflitos e violência (+17,2 milhões que em 2017), 25,4 milhões refugiados e 3,1 milhões requerentes de asilo. Cerca de 39% das migrações forçadas foram causadas por novos ou velhos conflitos e 61% a inundações e tempestades sobretudo tropicais (Fig.6). Ao gerar processos de migração coletiva forçada as alterações ambientais são uma realidade a monitorizar, porque são multiplicadores de riscos e ameaças e catalisadores potenciais de tensões e conflitos relacionados com processos de insegurança alimentar, luta por acesso a água potável, energia e outros recursos. As migrações forçadas e irregulares intensificaram também as assimetrias entre grupos, etnias e Estados, afetando as regiões alvo ou de trânsito, onde muitos acabam por permanecer anos consecutivos. Cerca de mil milhões de pessoas serão forçadas a deixar as suas casas até 2050, 645 milhões devido a grandes crises, 250 milhões devido a causas relacionadas com as mudanças climáticas (inundações, seca e fome), 50 milhões devido a conflitos e violação dos direitos humanos. As próximas décadas serão marcadas pelo aumento incontornável das migrações ambientais, primeiro internas, depois internacionais no contexto sul-sul (IOM e UNODC, 2019).

Figura 6

Um mundo em movimento. Dinâmicas regionais (1990-2019)



re 25. Direction of net international migration (immigrants-emigrants) and natural increase (births-deaths), 2010-2020



GOOD REASONS TO GET GOING

Triggers of migration, selected

Wars and armed conflicts – Annual review of the Study Group on the Causes of War, University of Hamburg, end 2018



24 wars nationwide
4 armed conflicts sub-national

Unequal access to income, health care and education – Inequality-adjusted Human Development Index (IHDI), 2017



0.7 and above 0.5-0.6 under 0.4
0.6-0.7 0.4-0.5 no data
lower values = more unequal access

Violations of human rights – the example of the CIVICUS rating of civil society openness and freedom, 2019



open repressed
narrowed closed
obstructed no data

Climate crisis, rising seas levels, endangered farming systems – the example of soil degradation, UN Environment Programme, no date



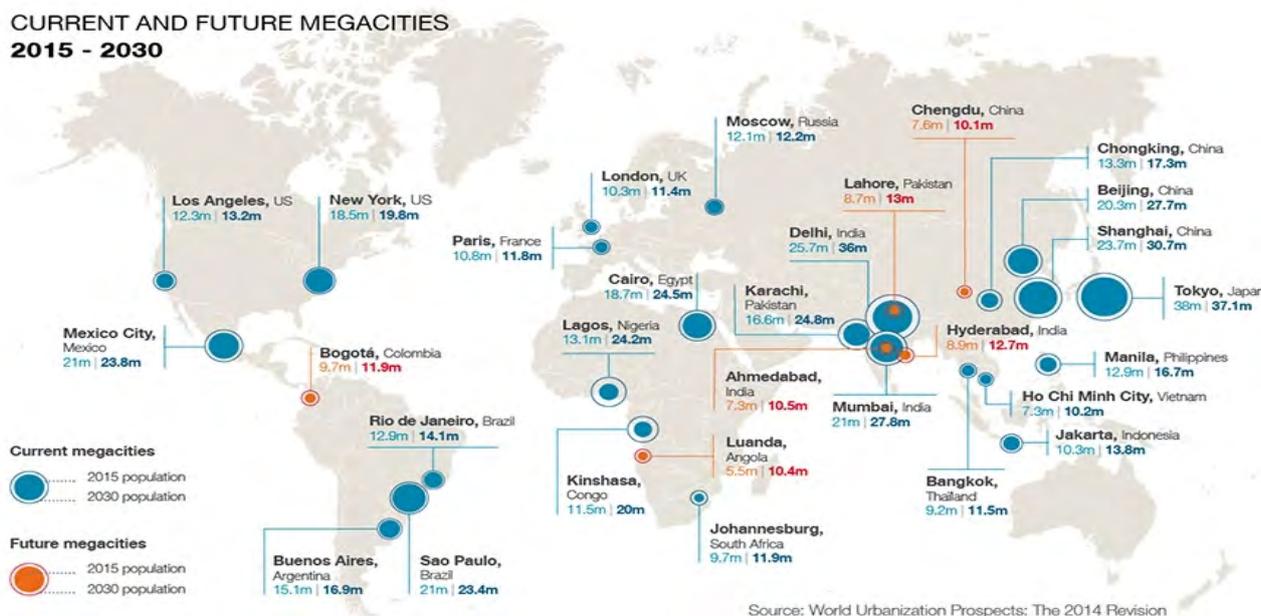
stable without vegetation, no data
degraded
very degraded

© ATLAS OF MIGRATION/ARUP, UNDP, ROG, UNEP

Fonte: UN, 2020; IDMC, 2017; RLS, 2019

Urbanização e migrações internas assimétricas - Nos últimos anos mudou a escala, a localização e a vivência do espaço urbano, onde desde 2008 reside a maioria da população do mundo. O peso percentual dos habitantes de zonas urbanas cresce em toda a parte e em todos os contextos de desenvolvimento. As grandes cidades do mundo são jovens (Fig.7) e os locais de eleição dos movimentos de pessoas e bens, o que nem sempre corresponde a qualidade de vida, embora o espaço urbano atraia sempre migrantes internos, qualquer que seja a realidade da vivência quotidiana (BLAIR, 2012). Não existe uma correspondência direta entre as 20 melhores cidades do mundo (ARCADIS, 2018) e as grandes megalópoles, embora muitas destas tentem manter níveis de inovação, sustentabilidade e qualidade de vida distintas dos países a que pertencem. A dificuldade de gestão dos grandes espaços urbanos em contextos de DH baixo ou médio é grande. As cidades são um campo de estudo e de planeamento e ordenamento complexo, cuja gestão deve ser feita “à medida”, com vista à rentabilização das suas oportunidades e redução das suas debilidades, nomeadamente no setor da segurança (Global City Index 2017).

Figura 8
Um mundo urbano desigual (2015-2030)



Source: World Urbanization Prospects: The 2014 Revision

Fonte: UN, 2014

África é o continente com menor percentagem de população urbana, embora com cidades populosas. Mas em 2030 esse valor será de 50%, embora em condições nem sempre satisfatórias (desemprego, economia paralela, exclusão social, bairros degradados), que podem acentuar a probabilidade de episódios de reivindicação social, descontentamento e situações de insegurança coletiva, facilitadas pelo anonimato. Urbanização e migrações internas excessivas para as capacidades infraestruturais básicas em contexto de grande densidade, podem reduzir a qualidade média de vida e acentuar desastres humanitários e risco de episódios de violência. Simultaneamente, nas sociedades envelhecidas e com percentagens de população urbana já muito elevadas, continuará também a aumentar o número de residentes urbanos, o que coloca desafios de adaptação de infraestruturas, serviços, políticas de planeamento urbano às necessidades e constrangimentos físicos dos novos “velhos residentes”. Estará a solução nas Smart Cities?

IV. PARA ONDE VAMOS. TENDÊNCIAS DE FUTURO, CERTEZAS E INCERTEZAS

A ciência demográfica permite conhecer, medir, prever e estimar onde e que tipo de perfis demográficos poderão constituir riscos e oportunidades potenciais, embora a quantificação inicial não dispense a contextualização geográfica e histórica e a introdução de fatores qualitativos. Porém, há que ser capaz de ver para além dos resultados obtidos com base na aplicação dos cálculos de análise. Sabemos qual será, como será, onde estará e quais as características da população mundial hoje e nas próximas décadas (Tab.2). A gestão da mudança apresenta contornos distintos, consoante os casos em linha com a Agenda 2030 para o DS: os países de fecundidade alta devem preparar-se para enfrentar as necessidades do número crescente de crianças e jovens; aqueles onde a fecundidade está a descer e está a criar uma oportunidade para o dividendo demográfico devem investir no capital humano (acesso a saúde e educação, oportunidades de emprego); os que envelhecem têm de adaptar os apoios aos mais velhos; e todos devem criar medidas para facilitar as migrações seguras e regulares, benéficas para todos, independentemente das suas características (UNDP, 2018).

Tabela 2

O que sabemos sobre o futuro da população mundial até 2050

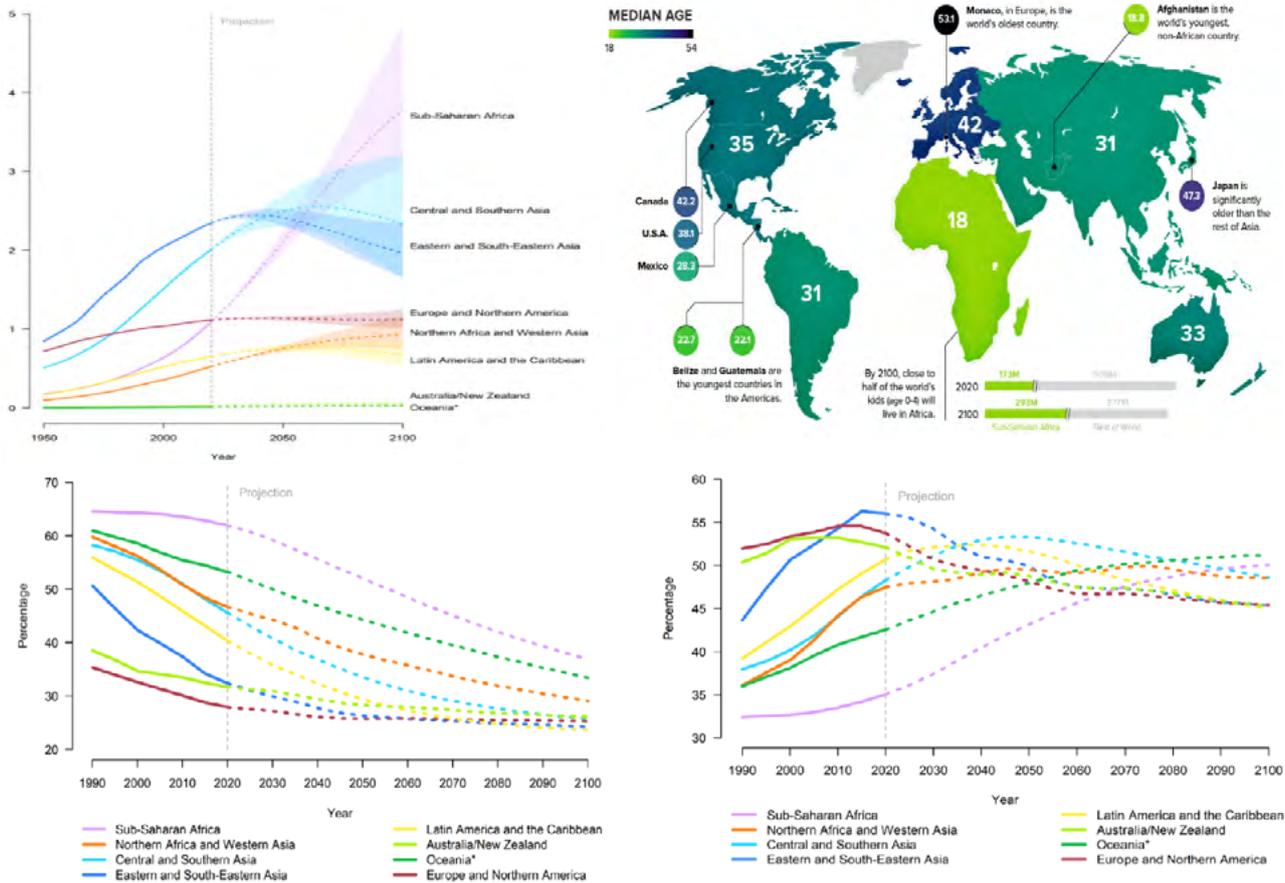
A população continuará a aumentar, embora mais lentamente, devido à descida dos níveis de fecundidade em todo o mundo	O aumento previsto representa desafios de sustentabilidade económica (47 países com piores indicadores de DH estão entre os que mais crescem, o que pressiona os já escassos recursos, num contexto de alterações climáticas)
Dois terços do aumento populacional é causado pelas diferenças de estrutura etária entre regiões (inércia demográfica)	As reduções recentes da fecundidade em certas zonas (África Subsariana, partes da Ásia, América Latina e Caraíbas) farão com que a população em idade ativa cresça mais que outros grupos de idade, o que constitui uma oportunidade para acelerar o crescimento económico (dividendo demográfico)
Mais de 50% do total de crescimento vai estar concentrado em 9 países, a maioria da África Subsariana	Em 2018 o total de 65+ no mundo ultrapassou o de crianças 0-4 anos; até 2050 esta relação vai duplicar e em 2050 os 65+ serão mais que os adultos jovens com 15-24 anos
As restantes populações atingem os seus picos de crescimento e várias começam a perder população (55 países vão perder entre 2020 e 2050 pelo menos 1%/ano)	A esperança de vida à nascença vai aumentar (1990=64; 2019=72,6; 2050=77,1 anos), mas persistem as diferenças regionais (e0 7 anos inferior à média nos países menos desenvolvidos, causadas pelos níveis de mortalidade infantil, materna e juvenil, VIH, conflitos e violência)
Crescimentos desiguais entre os maiores países vão provocar um reordenamento dos rankings (Índia ultrapassa China até 2027)	Fecundidade e mortalidade descem em todo o mundo. A migração torna-se a variável determinante do futuro, sobretudo as migrações internacionais, a atingirem valores elevados de entrada, saída e trânsito

Fonte: UNDP, 2018

A Fig.8 dá informação adicional sobre as ordens de grandeza entre países, assimetrias de crescimento sub-regionais e tendências de evolução da população jovem e em idade ativa. Queremos saber até que ponto estas alterações inevitáveis poderão representar uma mais-valia ou um constrangimento, tomando como exemplo quatro realidades paradigmáticas que passaremos a olhar com maior detalhe: os gigantes asiáticos China e Índia, a Europa e África.

Figura 8

Tendências regionais de crescimento total, de jovens e em idade ativa (1990-2100)



Fonte: UNDP, 2018

Os gigantes asiáticos – Na Ásia reside 59,5% da população (2020: 4,64 mil milhões), prevendo-se que até 2050 essa percentagem possa descer a cerca de 55% (5,29 milhões). Cinco dos 10 maiores países do mundo são asiáticos, entre os quais a RPC e a Índia, e estes dois gigantes demográficos representam 36,2% da população mundial (18,5 e 17,7%, respetivamente), valor que se manterá até meados do século, embora antes de 2027 a Índia ultrapasse a China, devido ao processo de envelhecimento aí em curso (Fig.9). No maior continente do mundo, o domínio destes dois países tenderá, no entanto, a reduzir-se ao longo da 1ª metade do século, devido ao forte crescimento experimentado por outros países populosos, como o Paquistão, a Indonésia e o Bangladesh, que apresentam ritmos de aumento anual bastante significativos (por se encontrarem nas fases 2 e 3 de transição demográfica). As assimetrias observadas em termos de DH e produtividade económica são também significativas e explicam a razão pela qual o continente asiático lidera os fluxos de migração internacional desde 2017. Essas assimetrias em termos de desenvolvimento económico e bem-estar estão igualmente em consonância com o processo de alteração das dinâmicas e estruturas etárias da população, visível na Tab.3.

A idade média da população asiática, estimada em 32 anos em 2019, está próxima da média mundial, mas as variações intracontinentais são enormes quando comparamos a Ásia Oriental (onde se encontra o país mais envelhecido do mundo, o Japão, mas também a Coreia do Sul e, muito significativo, a RPC) com as restantes regiões. Esta Ásia é tendencialmente a mais velha, mais urbana e mais rica, apesar dos resultados da China serem um pouco inferiores em termos sociodemográficos gerais. Existe, porém, um aspeto que claramente indicia uma vantagem futura e não se encontra nesta região com melhores indicadores: a Ásia tem agora a sua janela de oportunidade. Três sub-regiões (Ásia Central, Ocidental e do Sul) apresentam uma população resi-

dente com a média etária de 28 anos, idade considerada como ideal em termos de potencialidade económica e social. Este facto encontra na teoria do dividendo demográfico a sua explicação, teoria a cujas características já aludimos anteriormente. E é por este facto que a Índia tem neste momento e nos próximos anos uma vantagem face à China: a juventude da sua mão de obra muito abundante, com alguma escolaridade e formação (embora concentradas em determinados grupos sociais e cidades, mas que poderá evoluir favoravelmente nos próximos anos), que coexiste com alta qualificação em determinados setores económicos de ponta. O futuro será da Índia.

Os dois gigantes demográficos são muito diferentes. A RPC perderá peso relativo no continente a que pertence. Hoje vivem na China 30,5% dos habitantes do continente, mas ela representará pouco mais de 25% em meados do século, enquanto a Índia manterá a sua percentagem em torno dos 30 pontos percentuais. A explicação é simples e as causas são evidenciadas na Fig.10, que compara as dinâmicas atuais e futuras do continente asiático, da RPC e da Índia, bem como na Fig.11, com a repartição dos residentes por sexo e idade em 2020 e 2050. De destacar os diferentes equilíbrios entre os níveis médios reais e projetados de nascimentos e óbitos das 3 entidades e da relação entre os grandes grupos etários, em especial as percentagens de população ativa jovem (15-24 anos), que reflete as diferenças de idade média da população (37 anos na RPC, menos 9 na Índia).

Figura 9

Ranking dos 10 maiores países do Mundo (1990-2100)



Fonte: WPR, 2020

Tabela 3

Ásia. População e alguns indicadores sociodemográficos (2019-2050)

	População (milhões)			Idade média	Estrutura Etária		Fecundidade		Mortalidade			Indicadores Sociodem.		
	2019	2035	2050	2018	Jovens	Idosos	TBN	ISF	TBM	TMI	e0	TBMlg	%Urb	PIB (\$)
Mundo				30	26	9	19	2,4	7	31	70/75		54	16,1
Ásia	4586,9	5112,4	5344,1	32	24	9	17	2,1	7	26	71/75		49	14,5
Ásia Central	73,6	86,4	103,5	28	29	5	23	2,8	6	16	70/76		48	11,7
Ásia Oriental	1636,8	1662,7	1585,8	39	17	13	11	1,5	7	9	75/80		63	21,3
Rep. Popular China	1398,0	1424,6	1376,4	37	17	12	11	1,6	7	10	75/79	-0,4	60	18,1
Japão	126,2	123,6	109,9	47	12	28	7	1,4	11	2	81/87	0,0	92	45,0
Coreia do Sul	51,8	51,6	47,7	42	13	15	6	1,0	6	3	80/86	2,5	82	40,5
Ásia do Sul	1945,9	2274,5	2473,1	28	28	6	21	2,3	6	36	68/71		34	7,7
India	1391,9	1582,7	1669,7	28	27	6	20	2,2	6	33	67/70	0,0	31	7,7
Paquistão	216,6	293,9	368,9	24	36	4	29	3,6	7	62	66/68	-1,3	37	5,8
Sudeste Asiático	656,5	743,9	789,1	30	26	6	17	2,2	7	22	69/75		49	13,0
Ásia Ocidental	274,2	345,0	392,7	28	28	6	20	2,6	5	19	72/77		71	29,4

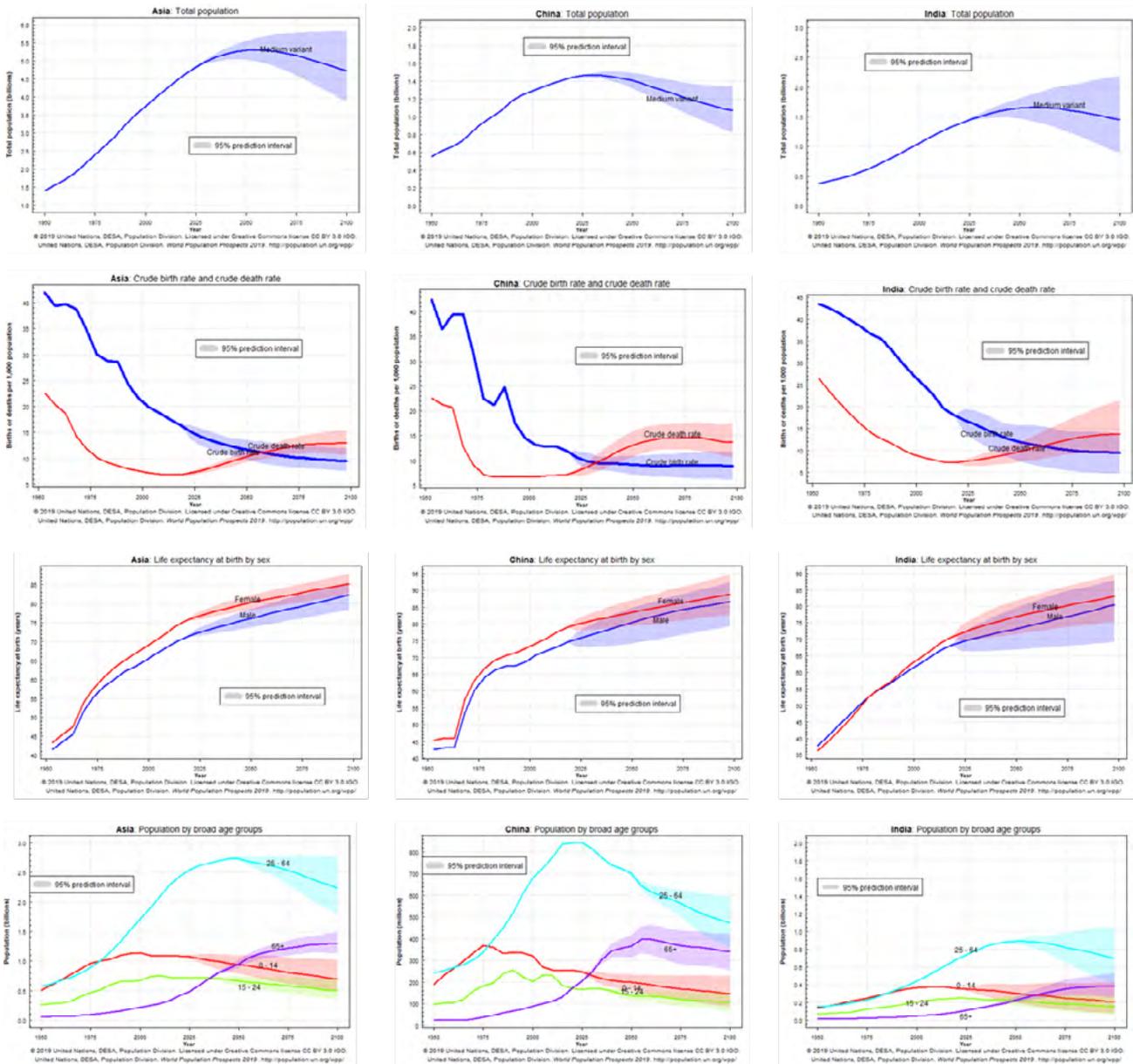
Fonte: Elaboração própria com base em UN,2019; PRB,2019; CIA, 2020

Também em termos de sistema urbano, os dois não poderiam ser mais distintos, com vantagem da RPC em número, dimensão demográfica média e projeção internacional (Fig.12). Mesmo admitindo um subregisto que poderá ascender a 11 milhões no caso indiano (ONDA, 2019), na RPC um total de 6 cidades têm hoje mais de 10 milhões de residentes (Shangai tem 22,3, seguida de Beijing, Tianjin e Gangzhu com mais de 11 milhões e Sheuzhen e Wuhan com 10). Outras 55 têm entre 1 e 10 milhões e 369 de 100 mil a 1 milhão de habitantes). Maioritariamente falamos de cidades concentradas a sul, junto ao litoral. Já a Índia, pontilhada de centros urbanos, tem apenas Bombaim, com 12,7 milhões, Nova Deli com 11 e a terceira maior cidade é Bengalum, com 5,1 milhões. As diferenças de distribuição geográfica são evidentes. Acresce que a enorme variedade de rankings que com objetivos distintos (maioritariamente de ordem económica, mas também ambiental, de qualidade de vida e inovação tecnológica) comparam as cidades globais⁹ falam sempre das grandes cidades chinesas (Hong Kong, Shangai, Beijing, Taiwan, Guanzou...), mas poucos referem cidades indianas (Mombai e Nova Deli são as únicas a figurar em alguns destes índices numa base do Top 100, ocupando lugares pouco destacados).

⁹ A título de exemplo v. o 2019 Global Cities Index, da Kearney <https://www.kearney.com/global-cities/2019>, o Innovation Cities Index 2019, <https://www.innovation-cities.com/index-2019-global-city-rankings/18842/>; ou o espaço dedicado a cidades e urbanização do World Economic Forum (<https://intelligence.weforum.org/topics/a1Gb0000000LiPhEAK?tab=publications>).

Figura 10

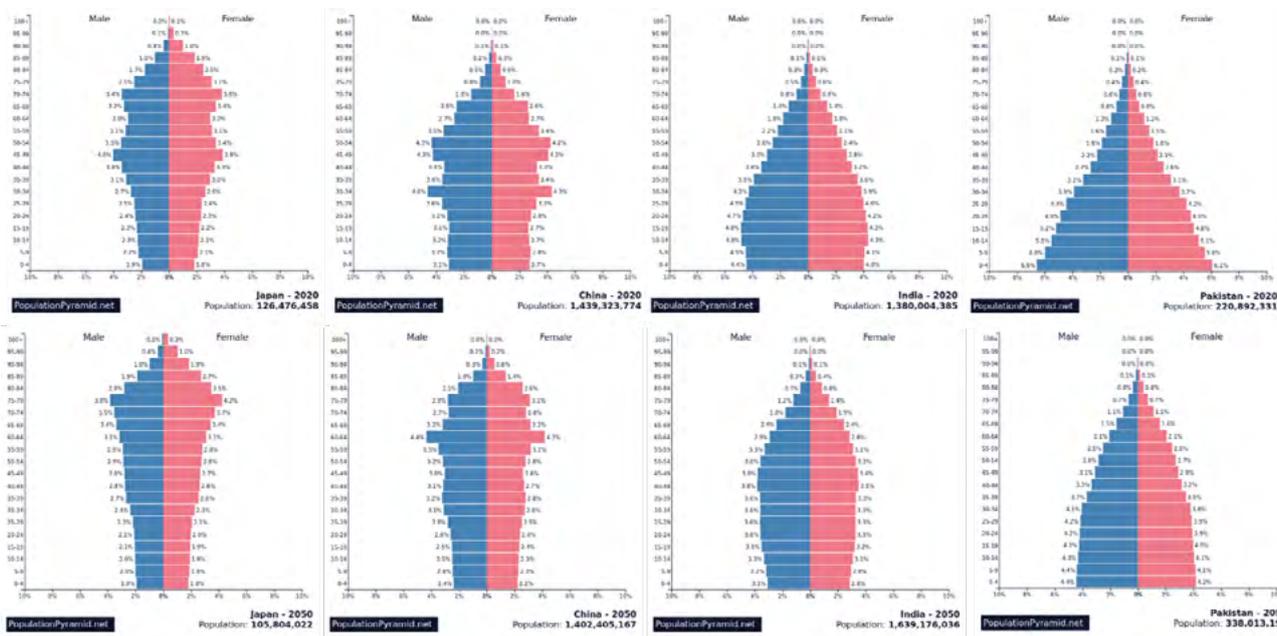
Ásia, China e Índia. Dinâmicas comparadas (2019-2050)



Fonte: UN, 2019

Figura 11

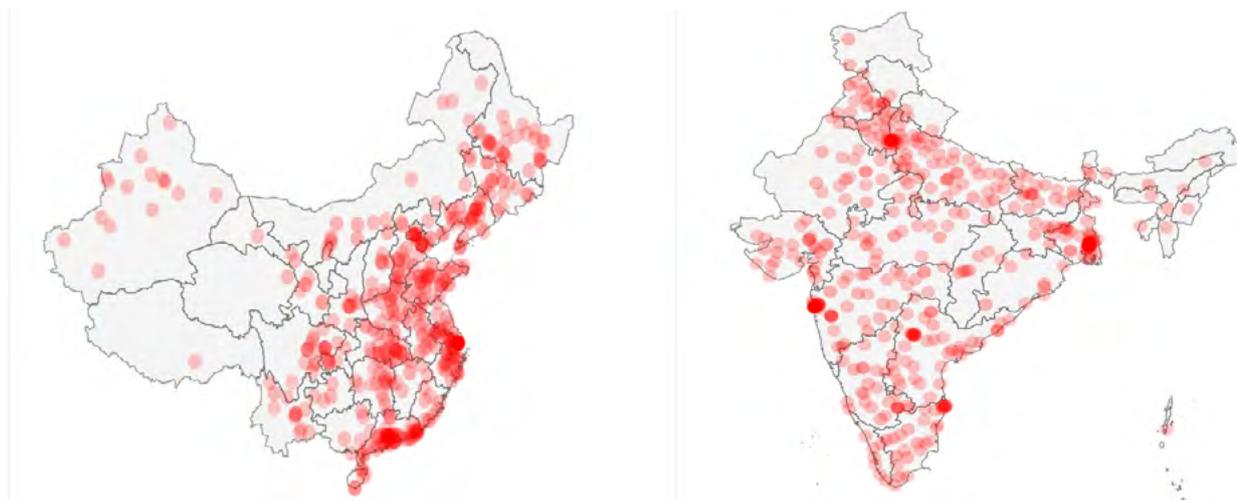
Dinâmicas comparadas 2020-2050: População por sexo e idade em alguns países



Fonte: <https://www.populationpyramid.net/>

Figura 12

Rede Urbana da RPC e da Índia (2020)



Fonte: WPR, 2020

Que vantagens e desvantagens se perfilam aos dois gigantes demográficos nos próximos anos?

DESvantagens/RISCOS	VANTagens/OPORTUNIDADES
Alterações climáticas e pressão sobre alguns recursos vitais (água, alimentos e infraestruturas, qualidade do ar, poluição, subida do nível do mar), especialmente gravosas dado o ritmo de crescimento da população, sobretudo urbana e o aumento do consumo per capita	Existe um potencial humano sem precedentes, capaz de influenciar positivamente o processo de crescimento económico, baseado na industrialização e na urbanização (mais evidente e numa fase menos avançada na Índia, quando comparado com a RPC)
Crescimento assimétrico da população (as regiões que mais crescem na Índia são as mais pobres) aumenta a dificuldade em gerir o contexto migratório complexo e muito intenso	O arranque económico cria condições de empregabilidade, aumenta a capacidade de consumo, de investimento e de poupança de uma classe média em aumento, maioritariamente urbana
Indicadores pouco favoráveis de desenvolvimento e qualidade de vida, designadamente nos centros urbanos (sobretudo na Índia, onde se espera o aumento acelerado da rede urbana em resposta ao arranque económico), que vão continuar a aumentar sem o necessário suporte em termos de DH (saúde, educação, habitabilidade).	A dinâmica económica e o ratio favorável entre dependentes e ativos possibilita o esbater das assimetrias internas de distribuição de bem-estar e qualidade de vida, sobretudo entre a população rural e os trabalhadores não qualificados
Dificuldade em esbater as assimetrias e desigualdades sociais, num referencial cultural complexo (Índia sobretudo), que explica níveis de emigração significativos para outros continentes. A falta de qualificação dos jovens é um problema estrutural na Índia (53% dos jovens estão desempregados)	Aumento do nível de instrução e formação, participação da mulher no mercado de trabalho (pouco questionada em ambos os países) e alteração do tipo de emprego (mais qualificado) gera uma redução das desigualdades sociais internas
Incapacidade de ambos os países para oferecer condições de vida que retenham os mais qualificados no país de origem (manutenção de valores significativos de brain drain)	Benefícios trazidos pela globalização da tecnologia e avanço da ciência podem ser postos ao serviço da população e resolver em parte a pressão sobre os recursos)

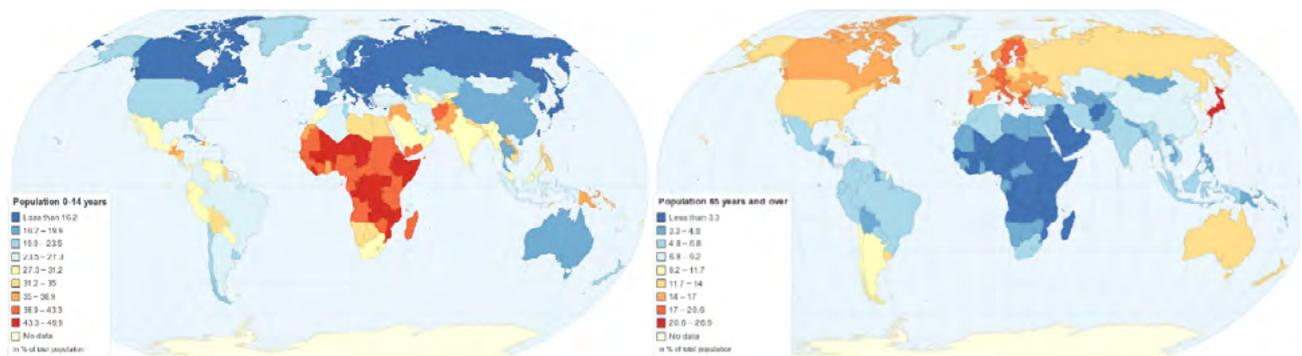
A Índia é uma população jovem num mundo onde as economias mais competitivas estão a ficar envelhecidas. A sua vantagem aumentou desde 2018, ano em que a população em idade ativa (15-64 anos) passou a aumentar mais rápido que a população dependente (0-14 e 65+ anos). Tal como fizeram outros países (Japão, China, Coreia do Sul), o país poderá rentabilizar este “pulmão”, que se prevê durar 37 anos, ou seja, até 2055, para garantir as condições necessárias a um desenvolvimento rápido. Reconhece-se que o dividendo demográfico teve um contributo estimado em 15% nas economias onde ocorreu e esta será a janela de oportunidade, potenciada pelo facto de se estimar que esta situação de vantagem competitiva se possa manter durante mais anos que em outros países¹⁰, devido a diferenças de comportamento face à fecundidade (IAS, 2020). Na RPC esse período decorreu entre 1994 e 2012, tendo sido estreitado, entre outras razões, pelos efeitos em cascata da política do filho único e outras medidas pouco favoráveis à fecundidade implementadas pelos responsáveis políticos chineses. A China entrou nesta fase 16 anos após o início das reformas económicas de Deng Xiaoping e embora os efeitos se tenham começado a sentir desde final dos anos 1970, os anos de dividendo demográfico ajudaram a sustentar essa taxa por um período longo. Entre 1978 e 1994 (pós-reforma, pré-dividendo) a China apresentou oito anos de crescimento superior a 10%. Após 1994 e até 2012 apenas por duas vezes não conseguiu ultrapassar a marca de 8% de crescimento (Thakur, 2019). Falta à Índia, quando comparada com a China, a certeza de conseguir rentabilizar do mesmo modo os anos de vantagem competitiva. Falamos de duas realidades muito distintas em termos de referencial político e identitário e de composição humana. Cabe aos responsáveis políticos saber como investir no capital humano, aprendendo com outros casos exemplares e adaptando-os à realidade nacional. Educação, formação profissional, condições de acesso a cuidados de saúde são vetores chave, tirando partido da situação de estabilidade política e paz social regional tão indispensável nestes processos e que não existe noutras partes do mundo.

¹⁰ No Japão decorreu entre 1964 e 2004 (IAS, 2020).

Duas realidades, dois futuros? A jovem África e a velha Europa – A Europa contará cada vez menos, África cada vez mais. Os dois continentes configuram exemplos paradigmáticos de comportamentos extremos, que explicam a sua profunda diferenciação em termos de características de estrutura etária e dinamismo demográfico e permitem antever futuros distintos (Fig.13 e 14).

O que as separa? Desde logo as dinâmicas de crescimento total, já que até 2050 se prevê uma mais de duplicação da população africana, que aumentará o seu peso percentual face ao total mundial (dos atuais 17,2% para 26% em 2050), enquanto a Europa, que hoje corresponde a 9,7% da população, verá reduzir o seu peso percentual e também absoluto. Na velha Europa, que vive as fases 4 ou 5 do ciclo de transição morre-se mais do que se nasce, apesar da esperança média de vida ser a maior do mundo e o crescimento do total de residentes tende a ser cada vez mais dependente dos volumes e variações dos saldos migratórios. A idade média da população é 13 anos superior à média mundial e alguns países do sul têm valores ainda mais elevados. A substituição das gerações não é assegurada há várias décadas, devido aos baixos níveis da fecundidade, e a relação entre os grupos mais jovens e mais idosos inverteu-se face ao desejável em termos de dinamismo e sustentabilidade económica, porque também a população adulta em idade ativa está a envelhecer e a reduzir-se (UNDP, 2019).

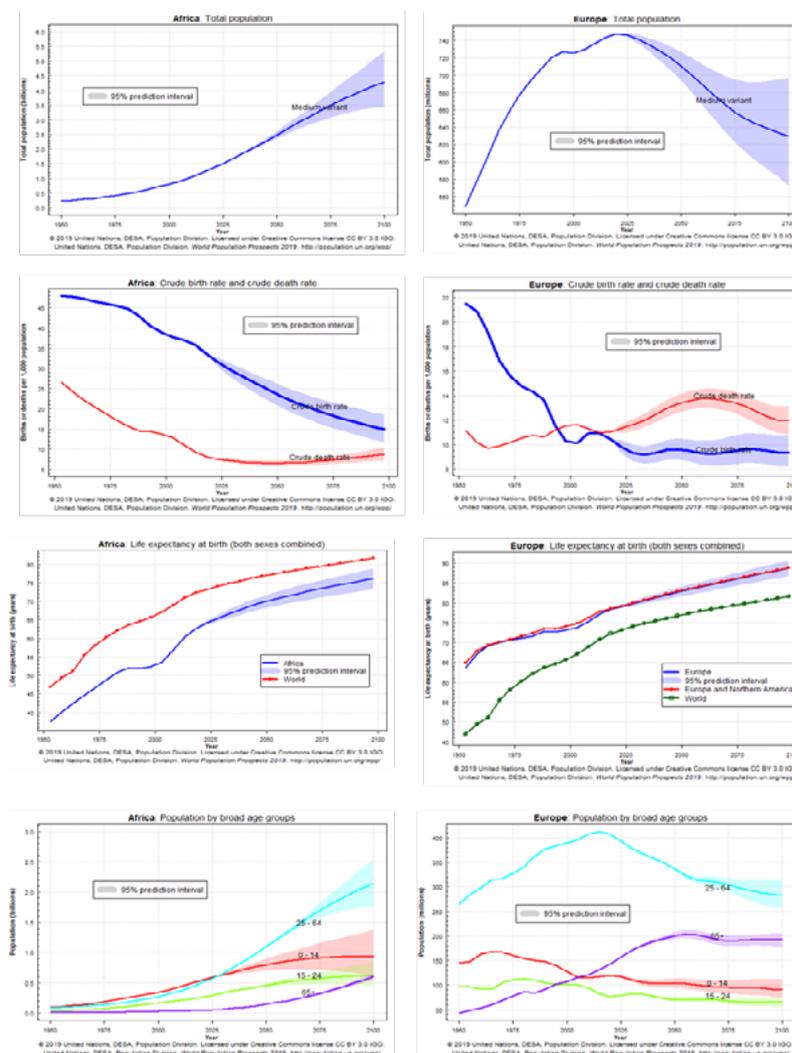
Figura 13
A jovem África e a velha Europa



Fonte: UNDP, 2019

Figura 14

África e Europa. Dinâmicas comparadas (2019-2050)



Fonte: UN, 2019

A jovem África – Mais de metade da nova população do mundo até meados do século irá nascer na África subsariana, por razões já aqui identificadas: os níveis de fecundidade continuarão altos na maioria dos países africanos embora em redução; África tem uma população muito jovem (20 anos), o que significa que muitos continuam a entrar nos grupos de idade fértil; a população africana tem filhos cedo, o que se traduzirá na coexistência de um número crescente de gerações por família, uma vez que o número médio de anos de vida da população está a aumentar. Deste modo, os ritmos de crescimento natural no continente (N-O) continuarão intensos, embora a morbilidade e mortalidade sejam elevadas em termos médios mundiais, com custos em termos de competitividade global, por dificultarem a criação de condições favoráveis ao arranque económico e a melhoria dos níveis de IDH. África manterá uma estrutura etária jovem, garantida para as próximas décadas e a globalização do envelhecimento não será um problema a médio/longo prazo. As migrações são sobretudo de saída, permitindo reduzir tensões sociais nas zonas mais densas, designadamente urbanas, que irão registar aumentos significativos. Os níveis de urbanização, de emprego, de PIB e de DH continuarão inferiores à média mundial, embora apresentem uma tendência positiva.

Podemos, no entanto, falar de uma África a várias velocidades demográficas, marcada por realidades comuns, mas com diferenças de perfil decorrentes de histórias, culturas e características geo-económicas particulares. O retrato geral (Tab.4 e Fig.15) é consistente com a ideia de que as partes norte e sul do continente

apresentam perfis sociodemográficos semelhantes entre si, que as distinguem das restantes. Falamos desde logo da vantagem socioeconómica em termos de PIB e níveis de urbanização e também de estruturas etárias jovens, mas com um aumento populacional mais lento, o que pode criar oportunidades de desenvolvimento humano e melhoria dos níveis de bem-estar e de segurança. O ratio de dependência total e da relação entre jovens e idosos reflete oportunidades e desafios, que permitem olhar o futuro de modo mais positivo. Acresce o contexto de segurança económica e política, que tornam alguns países, sobretudo aqueles que dispõem de recursos naturais (energia, minérios, solo arável e água), atrativos para a imigração extracontinental (qualificada) e sobretudo intracontinental.

Tabela 4

África. População e alguns indicadores sociodemográficos (2019-2050)

	População (milhões)			Idade média	Estrutura Etária		Fecundidade		Mortalidade			Indicadores Sociodem.		
	2019	2035	2050	2018	Jovens	Idosos	TBN	ISF	TBM	TMI	e0	TBMlg	%Urb	PIB (\$)
Mundo				30	26	9	19	2,4	7	31	70/75		54	16,1
África	1305,2	1885,3	2514,5	20	41	3	34	4,5	8	49	61/65		43	5,2
Norte de África	239,9	305,4	366,	26	33	5	25	3,2	6	23	71/74		52	11,0
Argélia	43,4	56,5	61,4	28	30	6	25	3,1	5	21	77/78	-0,9	73	15,4
África Ocidental	390,5	583,1	805,2	18	44	3	38	5,3	10	60	56/58		46	4,3
Nigéria	201,0	295,0	401,3	18	44	3	38	5,3	12	67	53/55	-02	50	5,7
África Oriental	433,9	640,0	855,0	18	43	3	35	4,5	7	44	62/66		28	2,4
África Meridional	174,3	275,9	395,3	17	46	3	41	5,7	10	64	58/61		49	2,8
Angola	31,4	53,3	82,2	16	48	2	44	6,2	9	68	58/62	0,2	63	6,1
África do Sul	66,6	80,8	92,9	27	29	6	21	2,4	9	25	61/67		64	13,9
África do Sul	58,6	73,1	81,8	27	29	6	20	2,3	9	22	62/68	-0,9	66	13,2

Fonte: Elaboração própria com base em UN,2019; PRB,2020; CIA, 2020

Que vantagens e desvantagens se perfilam no horizonte africano nos próximos anos?

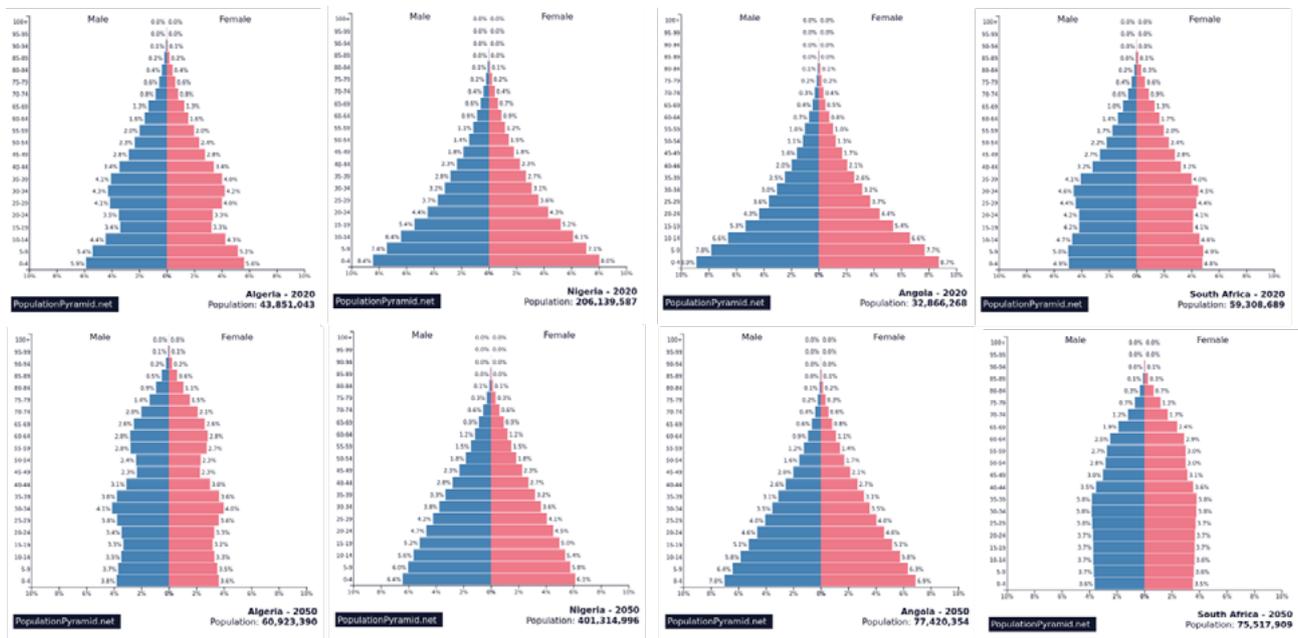
DESvantagens/RISCOS

- Alterações climáticas e pressão sobre alguns recursos vitais, especialmente gravosas dado o ritmo de crescimento da população residente e o aumento do consumo per capita
- Migrações complexas, explicadas por fatores ambientais, instabilidade política e conflito. Nem todos migram de forma voluntária, mesmo porque migrar é perigoso
- Indicadores pouco favoráveis a nível de governança, estabilidade política e corrupção
- Indicadores pouco favoráveis de desenvolvimento e qualidade de vida, designadamente nos centros urbanos, que vão continuar a aumentar e colocam problemas vários de gestão
- Indicadores pouco favoráveis de desenvolvimento económico e escassa flexibilidade do mercado de trabalho continuarão a fomentar a emigração dos mais jovens, nomeadamente em direção à Europa

VANTagens/OPORTUNIDADES

- Existe um potencial humano sem precedentes (janela de oportunidades), capaz de influenciar positivamente todos os indicadores de DH
- O esbater das assimetrias internas de distribuição de bem-estar e qualidade de vida terão impactos positivos (saúde, infraestruturas)
- Tudo pode melhorar em termos de indicadores sociodemográficos possibilitando o esbater das assimetrias internas de distribuição de bem-estar e qualidade de vida
- Aumento do nível de instrução e formação e maior equilíbrio de género e alteração do tipo de emprego (mais qualificado) e redução da percentagem de jovens com baixas qualificações que não estudam e não estão empregados
- Benefícios trazidos pela globalização da tecnologia e avanço da ciência podem ser postos ao serviço da população e resolver em parte a pressão sobre os recursos)

Figura. 15
Dinâmicas comparadas 2020-2050: População por sexo e idade em alguns países



Fonte: <https://www.populationpyramid.net/>

A população e as suas dinâmicas variáveis em África podem gerar insegurança, tensões sociais ou instabilidade política, mas também permitem encontrar as respostas que melhor servem o seu futuro. A postura para enfrentar os desafios e tirar vantagens das oportunidades geradas pelo vetor demográfico exige uma abordagem compreensiva e também respostas políticas de largo espectro, num tempo de média duração. Existe um dividendo demográfico a ter em conta! A probabilidade de um país conquistar a sua janela de oportunidade

em termos de DH resulta da forma como apostou em setores estratégicos nas décadas anteriores: saúde (redução da mortalidade infantil e juvenil), educação, desenvolvimento económico (emprego dos mais jovens) e estabilidade política. Para 2017 a União Africana (2017) estabeleceu como objetivo garantir o dividendo demográfico através da aposta na juventude (saúde reprodutiva, direitos dos muito jovens, bem-estar e acesso a educação). Em África está (quase) tudo por fazer e as oportunidades são inúmeras!

E a velha Europa? - A Europa tem os melhores indicadores do mundo no que se refere a mortalidade geral e infantil, bem como uma esperança de vida longa (Tab.5). A maioria da população vive em zonas urbanas e possui níveis de bem-estar e rendimento elevados, facto que explica a atratividade migratória que historicamente a caracteriza. A atual originalidade da Europa no mundo resulta da dificuldade em manter o volume de população, o que é visto como uma debilidade a diferentes níveis, nomeadamente geopolítico e económico. Em mais de dois terços do território o número de óbitos excede ou está prestes a exceder o de nascimentos e a dependência face às migrações continua a aumentar. O quadro demográfico europeu desenha-se a partir de quatro vetores: triplo envelhecimento etário da população residente, níveis de fecundidade insuficientes para garantir a substituição das gerações, equilíbrio populacional dependente das migrações internas e o facto de ser historicamente o principal destino da imigração internacional (desde 2017 ultrapassada pela Ásia).

Tabela 5

Europa. População e alguns indicadores sociodemográficos (2019-2050)

	População (milhões)			Idade média	Estrutura Etária		Fecundidade		Mortalidade			Indicadores Sociodem.		
	2019	2035	2050		2018	Jovens	Idosos	TBN	ISF	TBM	TMI	e0	TBMlg	%Urb
Mundo				30	26	9	19	2,4	7	31	70/75		54	16,1
Europa	745,6	745,4	731,2	43	16	18	10	1,5	11	4	75/82		74	38,0
Europa Leste	292,4	279,9	264,2	41	17	16	10	1,5	12	5	69/79		69	24,6
Rússia	146,7	144,1	138,7	40	18	15	11	1,6	13	5	68/78	1,7	74	26,5
Europa do Norte	105,4	111	116,5	41	18	19	11	1,7	9	3	79/83		81	48,5
Reino Unido	6,8	70,4	74,7	41	18	18	11	1,7	9	4	79/83	2,5	83	47,7
Europa do Sul	153	152	147,1	46	14	21	8	1,3	10	3	79/84		72	36,7
Espanha	47,1	49,2	49,6	43	15	19	8	1,3	9	3	80/86	7,8	80	40,8
Itália	60,3	60,1	58,1	46	13	23	7	1,3	11	3	81/85	3,7	70	42,5
Portugal	10,3	9,9	9,4	42	14	22	9	1,4	11	3	78/83	2,5	73	33,2
Europa Ocidental	194,9	202,4	203,4	44	15	20	10	1,7	10	3	79/84		80	53,4
França	58,6	73,1	81,8	27	29	6	20	2,3	9	22	62/68	-0,9	66	13,2
Alemanha	83,1	82,2	79,2	47	1	21	10	1,6	12	3	78/83	1,5	77	55,8

Fonte: Elaboração própria com base em UN,2019; PRB,2020; CIA, 2020

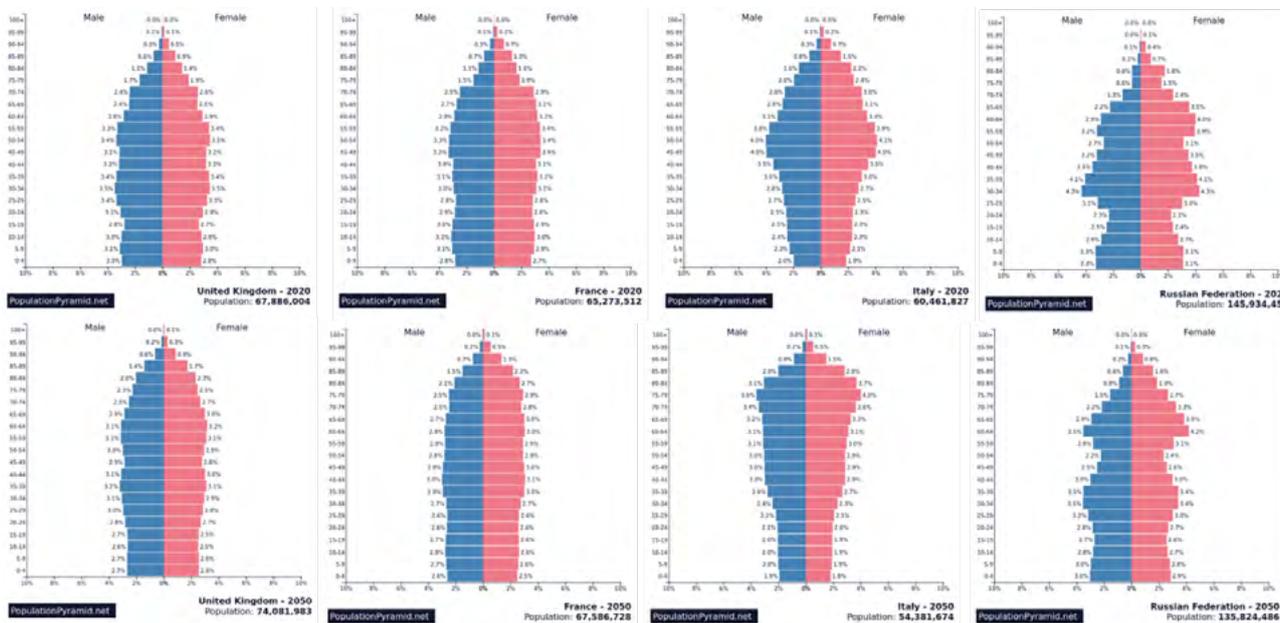
Que vantagens e desvantagens se perfilam no horizonte europeu nos próximos anos?

DESvantagens/RISCOS	VANTagens/OPORTUNIDADES
A população residente deverá reduzir-se e o aumento da fecundidade e dos saldos migratórios não conseguirá inverter essa tendência	Sociedades com indicadores muito favoráveis em termos de governança, estabilidade política e corrupção e de Desenvolvimento Humano
O triplo envelhecimento das estruturas etárias tende a generalizar-se, reduzindo a competitividade e dinamismo económico e aumentando os encargos com os mais velhos	A população vive mais anos, mas também poderá ter uma vida produtiva mais longa, porque viverá com maior saúde e será mais proativa
Persistem diferenças regionais, que penalizam as zonas rurais e os países periféricos, quer em termos etários, quer de qualidade de vida	Teremos uma população em idade ativa mais reduzida em número, mas com maiores níveis de educação e competências e mais informada
As sociedades europeias têm dificuldade em gerir a dependência face à imigração, que não conseguem substituir pela tecnologia de ponta, capaz de reduzir as necessidades de uso de mão de obra intensiva por tecnologia	Os próximos anos serão marcados pelo esbater das diferenças entre estados em termos de instrução e formação, por um maior equilíbrio de género e pela alteração do tipo de emprego ainda predominante
Tudo pode melhorar em termos de indicadores sociodemográficos possibilitando o esbater das assimetrias internas de distribuição de bem-estar e qualidade de vida	Benefícios trazidos pela globalização da tecnologia e avanço da ciência podem ser postos ao serviço da população e resolver em parte a pressão sobre os ativos económicos

A Europa será um continente com uma população altamente envelhecida e esse é um processo difícil de reverter (Fig.16). O incontornável envelhecimento das estruturas etárias que irá continuar nos próximos anos tem efeitos nos modelos de fecundidade, reafirmando a urgência de medidas adequadas de apoio à família. Mas tem ainda outras consequências imediatas, provocando a alteração dos volumes de ativos, a necessidade de criação de serviços de apoio à terceira idade, a reformulação do sistema de pensões e o repensar dos cuidados de saúde, direcionados para novos tipos de população, numa sociedade onde as famílias são reduzidas e instáveis e onde as redes familiares e comunitárias de solidariedade, que substituíam no passado recente os cuidados formais, deixaram de funcionar em termos de apoio de proximidade (Rodrigues, Henriques, 2017). As respostas a este previsível cenário, sob a forma de políticas públicas, terão de ser aplicadas o quanto antes, pois os seus resultados e impacto só serão sentidos a médio ou longo prazo. Os desafios de amanhã necessitam de respostas hoje, para que possam garantir o tão desejado rejuvenescimento, sobretudo ao nível da natalidade e fecundidade, uma vez que o aumento do número de idosos é, em última análise um fator positivo, porque reflete as conquistas obtidas em termos de acesso a cuidados de saúde e consequente aumento do número de anos de vida.

Figura 16

Dinâmicas comparadas 2020-2050: População por sexo e idade em alguns países



Fonte: <https://www.populationpyramid.net/>

O Demographic Scenarios for the EU - Migration, Population and Education 2019 (EU,2019) lembra a importância das migrações na mitigação do envelhecimento e da redução populacional, não obstante as suas limitações em termos de estrutura etária, uma vez que os imigrantes também envelhecem. Em 2000 foi efetuada a primeira estimativa sobre a proporção de migrantes necessários para contrariar o declínio populacional associado à quebra de nascimentos e da população ativa (UNDP, 2000). Novas estimativas têm surgido sobre os desafios gerados pelas chamadas migrações de substituição e respetiva influência no futuro da Europa e da UE. Não se trata, porém, de um tema consensual, porque a Europa precisa dos imigrantes, mas mantém uma relação ambígua no que respeita à gestão dos fluxos migratórios, hesitando entre uma abordagem multisetorial e a vontade de consolidar uma política comum, estruturada em torno de quatro eixos principais: 1) o controlo dos fluxos (no sentido de um progressivo endurecimento sobre condições de entrada e permanência); 2) a luta contra a imigração clandestina (reforço das fronteiras territoriais; aposta em ações concertadas de fiscalização dos locais de trabalho...); 3) a consolidação de políticas de integração das comunidades (garantindo aos já instalados condições favoráveis de estabilidade; recuperando os excluídos das redes regulares); e 4) o desenvolvimento de políticas de cooperação internacional (com vista a uniformizar os procedimentos dos países recetores). Muitos dos novos reptos da sociedade europeia terão no envelhecimento demográfico e nas migrações o seu pano de fundo estruturante, designadamente nos sectores da atividade económica, do mercado de trabalho e do universo de contribuintes, o que exige respostas urgentes em termos de políticas públicas subsectoriais.

A UE não escapa a esta descrição e embora existam padrões de comportamento tendencialmente semelhantes entre si, continuam a existir diferenças entre os Estados-membros sobretudo em termos migratórios. Em 2018 as migrações foram responsáveis por mais de 86% do aumento dos residentes na UE27. A diversidade de situações é significativa e reflete as histórias nacionais e sobretudo o grau de desenvolvimento interno, que lhes garante desigual atratividade migratória e permite colmatar saldos naturais em alguns casos muito negativos (Alemanha, por ex.). A situação portuguesa, tal como a de vários países bálticos (Letónia e Lituânia), do leste europeu (Roménia e Bulgária) e a Grécia é das mais preocupantes. As diferenças são também explicadas por desigualdades face ao processo de envelhecimento. Nos países do norte e ocidente, que envelheceram mais

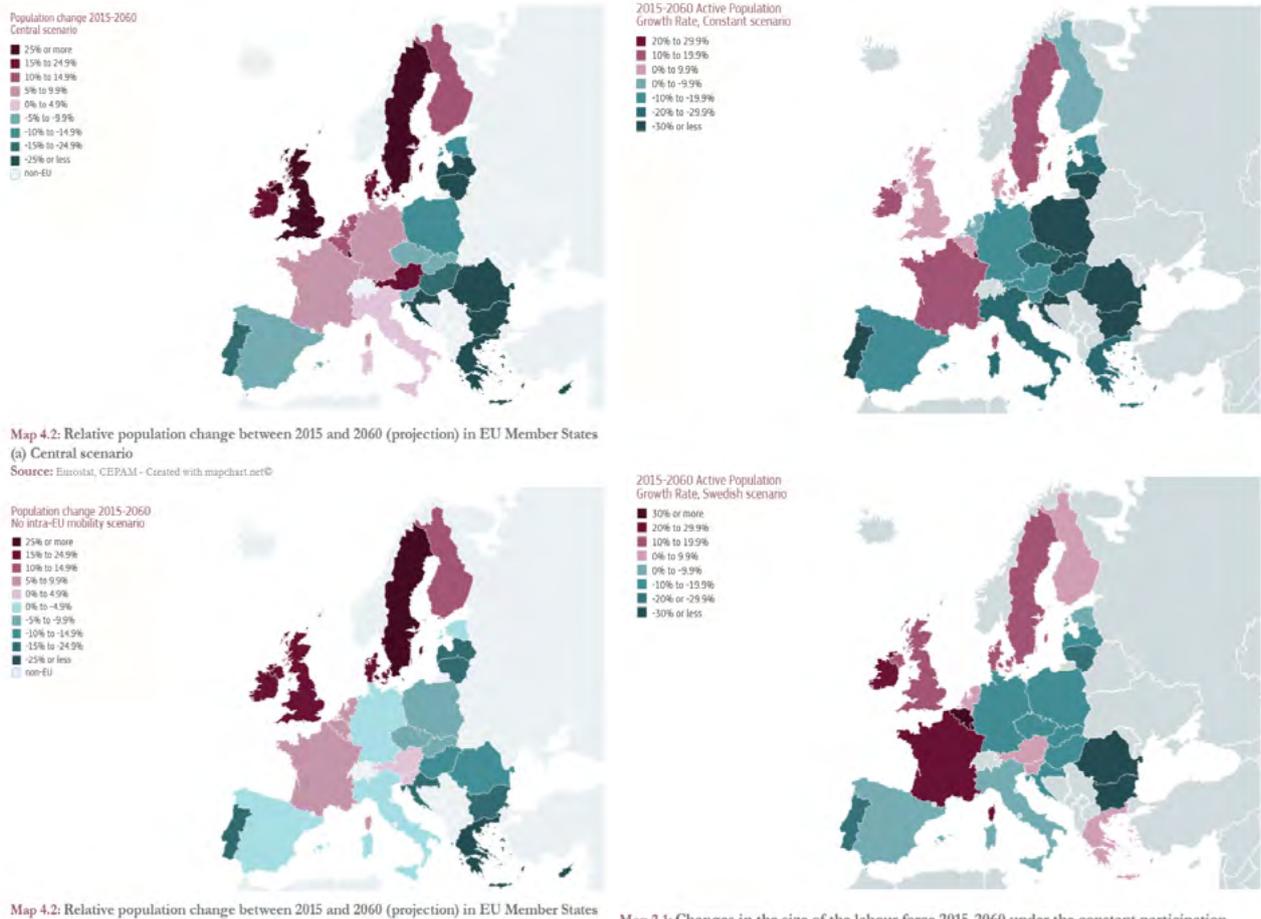
cedo (como França), o processo foi mais lento, ao contrário dos países do Sul, que constituíram até aos anos 70 o que alguns chamaram “berço da Europa” e hoje são dos mais envelhecidos. A UE irá continuar a aumentar até 2025 graças à imigração, embora um terço das NUTS 3 já estejam a perder residentes, e nem todos os grupos etários aumentem. Até 2030 preve-se que os ativos (15-64 anos) diminuam 21 milhões e o seu envelhecimento provoque uma descida no PIB estimada entre 1.25 e 2.25% ao ano. A idade média da população continuará a subir (era de 35,2 anos em 1990, hoje é 42,8, em 2030 será até 4 anos mais. O número de idosos ultrapassa há várias décadas o de jovens e o número de ativos atingiu o seu pico em 2010. Em 2020 existem menos 12 milhões de indivíduos com 20 a 64 anos e serão menos 50 milhões até 2035 (menos que em 2010). Os cenários prospetivos são pouco animadores, prevendo até meados do século XXI uma redução constante do peso relativo dos adultos jovens em toda a UE27 (Eurostat,2020) (Fig.13).

O retrato dos continentes africano e europeu deixou claro as muitas diferenças entre ambos. Porém, se tentarmos identificar as vantagens e oportunidades que caracterizam cada um deles, podemos concluir que falamos de vizinhos que terão vantagem num futuro partilhado, o qual se deve basear num princípio estruturante: o da complementaridade. Ambos enfrentam desafios aparentemente antagónicos para se reposicionarem no mundo em transição, que devem ser encarados em uma lógica win-win, mas esta só será viável se for possível o diálogo sobre temas nem sempre fáceis, como o das migrações, da segurança ou da complementaridade económica.

A aposta na qualificação e na igualdade de género é determinante para o futuro do continente africano e depende da capacidade de integração deste jovem continente no processo de integração global, onde a velha Europa também terá de lutar para não perder a sua posição, nomeadamente em termos de competitividade. A situação económica global torna-se mais difícil para esta última, à medida que as empresas europeias enfrentam uma concorrência mais dura do Oriente Médio e da Ásia. As contas públicas da maioria dos países europeus confrontam-se com déficits e níveis de desemprego elevados. Quesado (2019) sugere a necessidade de criar um novo contrato de confiança entre África e Europa, baseado em propostas estratégicas num quadro operacional. À Europa exige-se que saiba integrar, de forma positiva, a maioria das pessoas que vêm desenvolver novos negócios, o que só poderá ser bem-sucedido se existir vontade dos agentes económicos de ambos os continentes. Paralelamente, a inovação e a tecnologia devem ser os “facilitadores” para a competitividade na Europa e também em África. A base para a futura implementação efetiva da Estratégia UE-2030, que também deve ser seguida por África, passa pela congregação de objetivos comuns entre universidades e empresas privadas, que permita o desenvolvimento de projetos estratégicos (pólos de competitividade, clusters de inovações, smart cities).

Fig.13

Europa. Cenários prospectivos e a importância das migrações (2015-2060)



Map 4.2: Relative population change between 2015 and 2060 (projection) in EU Member States

Map 4.3: Changes in the size of the labour force 2015-2060 under the constant configuration

Fonte: EC, 2019

Uma política de integração positiva é um sinal de que a Europa e a África têm um caminho comum a seguir no futuro. Os dois continentes têm identidades únicas, criadas por heranças culturais fortes e específicas dos países que as compõem, mas ambos devem esforçar-se por aceitar e incorporar de forma tolerante os princípios que norteiam outros parceiros globais com os quais são forçados a conviver e competir. Neste sentido, a cultura é um vetor de desenvolvimento a não negligenciar. A sua reinvenção representa uma forma muito inovadora de envolver mais atores europeus e africanos em um projeto de futuro. A Europa e África têm uma oportunidade única de se auto-reinventarem nas próximas décadas, razão pela qual uma parceria entre a Europa e a África, mais do que uma possibilidade, é uma necessidade individual e coletiva para europeus e africanos, a que se junta a já referida complementaridade, proporcionada pelos efetivos humanos (Quesado, 2019).

V. UM MUNDO DIFERENTE... MAS PREVISIVEL

A interligação entre demografia e o nosso mundo VUCA exige um processo contínuo de ajustamento, porque falamos de realidades dinâmicas. Dai o interesse que pode resultar da monitorização do modelo de transição demográfica. O futuro implica o redesenhar da sociedade global, garantindo a gestão sustentável entre comunidades mais envelhecidas, complexas e distintas, fluxos migratórios fáceis, rápidos e com novos perfis, necessidades em termos de progresso económico a escalas local, nacional e global e direitos e garantias. O novo conceito de segurança humana assente na dignidade do indivíduo implica uma preocupação com o nosso espaço e com o que nos rodeia. A segurança resulta sobretudo de atitudes e comportamentos proativos e preventivos. O papel geopolítico que o vetor demográfico pode assumir revela-se incontornável. O conceito de segurança humana assente na dignidade do indivíduo implica uma preocupação com o nosso espaço e com o que nos rodeia.

O futuro implica redesenhar a sociedade global, garantindo a gestão sustentável entre comunidades mais envelhecidas, complexas e distintas, fluxos migratórios fáceis, rápidos e com novos perfis, necessidades em termos de progresso económico à escala local, nacional e global e direitos e garantias. A segurança resulta sobretudo de atitudes e comportamentos proativos e preventivos. Os estudos demográficos podem e devem ser usados como uma ferramenta para monitorizar características de conjuntura, identificar elementos de mudança e transformações sociais e ajudar a antecipar modelos económicos, políticos e também de segurança. Vivemos tempos excecionais, cuja análise nos confronta com a existência de novos padrões e tendências e nos conduz a novas formas de olhar o mundo. Utilizar para esse efeito as dinâmicas e comportamentos coletivos dos cidadãos faz parte dessa nova forma de ver (Rodrigues, 2019: 35-36). Os estudos demográficos são um instrumento com potencialidades ainda por descobrir.

REFERÊNCIAS

ARCADIS (2018) Sustainable cities Index 2018. Disponível em: [https://www.arcadis.com/media/1/D/5/%7B-1D5AE7E2-A348-4B6E-B1D7-6D94FA7D7567%7DSustainable CitiesIndex2018Arcadis.pdf](https://www.arcadis.com/media/1/D/5/%7B-1D5AE7E2-A348-4B6E-B1D7-6D94FA7D7567%7DSustainable%20CitiesIndex2018Arcadis.pdf)

BECK, Ulrich (1998) World Risk Society, Cambridge: Polity Press

BLAIR A. Ruble (2012) "The Challenges of The 21st Century City, The Wilson Center, Policy Brief, December, Washington, DC <http://www.newsecuritybeat.org/2012/12/challenges-21st-century-city/#.UuYsTxCp3IU>

CASTLES, S., HAAS, H., MILLER, M. (2014). The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World, 5ªed., Nova Iorque

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (2020) The World Factbook, Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/>

CINCOTTA, R (2004) The new steps for Environment, Population and Security. Demographic Security comes of age. ECSP Report, Issue 10. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/ecspr10_C-cincotta.pdf

CINCOTTA, Richard (2017) 8 Rules of Political Demography That Help Forecast Tomorrow's World. June 12. Disponível em: <https://www.newsecuritybeat.org/2017/06/8-rules-political-demography-forecast-tomorrows-world/>

DUMOND, G. (2010). LES DIX LOIS DE LA GÉOPOLITIQUE DE LA DÉMOGRAPHIE. Diplomatie, Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00827795/document>

DURAND, A. (2010) Atlas des Populations, Diplomatie, n°44 mai-juin 2010

EHRlich, Paul, Ehrlich, Anne H. (2009) The Population Bomb Revisited Electronic Journal of Sustainable Development. Disponível em: <http://www.docstoc.com/docs/12166078/Population-Bomb-Revisited>

EUROPEAN COMMISSION (2019) Demographic scenarios for the EU migration, population and education. Disponível em: [European+Commission%2C+2019+DEMOGRAPHIC+SCENARIOS+FOR+THE+EU+MIGRATION%2C+POPULATION+AND+EDUCATION&aqs=chrome.69i57j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/-/DDN-20190710-1)

EUROSTAT (2019) The EU's population projected up to 2100. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/-/DDN-20190710-1>

Global City Index 2017: The Most Connected Cities. 2017. Disponível em <http://www.globalinfluence.world/en/global-city-index-2017-connected-cities/>

GOLDSTONE, J.(2015) «Political Demography». E-International Relations. Disponível em: <http://www.e-ir.info/author/christian-leuprecht-and-jack-a-goldstone/>

GOLDSTONE, J., KAUFMANN, E., TOFT, M. (2011) *Political Demography: How Population Changes Are Reshaping International Security and National Politics*, Oxford University Press

HARRIS, K., KIMSON, A., SCHWEDEL, A. (2018) *Labor 2030: The Collision of Demographics, Automation and Inequality*. The business environment of the 2020s will be more volatile and economic swings more extreme. February 07. Disponível em: <https://www.bain.com/insights/labor-2030-the-collision-of-demographics-automation-and-inequality/>

IAS, Driшти Think Tank (2020), *India's Demographic Dividend*. Disponível em: <https://www.drishtias.com/to-the-points/paper1/india-s-demographic-dividend>

IDMC (2017) *Global Report on Internal Displacement*. Disponível em <http://www.internal-displacement.org/global-report/grid2017/>.

IOM (2019) *World Migration Report 2020*, Geneva

KAUFMANN, E., TOFT, M. (2011) «Introduction» In *Political Demography: How Population Changes are Reshaping International Security and National Politics*. New York: Oxford University Press, 2011. 3

MEADOWS, Donella H. et al. (1975) *The Limits to growth: a report for the Club of Rome's project on the predicament of mankind*, 2nd ed. New York: New America Library

MÜNZ, R. (2013) "Demography and Migration: An Outlook for the 21st Century". MPI Policy Brief, Nº 4, September

NAFEEZ, M.A. (2015) «Globalizing Insecurity: The Convergence of Interdependent Ecological, Energy, and Economic Crises» Disponível em: <http://yalejournal.org/wp-content/uploads/2010/09/105208ahmed.pdf>

NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL (2013) *Global Trends 2030. Alternative Worlds*. Disponível em: www.dni.gov/nic/globaltrends

NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL (2018) *Global Trends 2045. Out to 2045* Disponível em: https://espas.secure.europarl.europa.eu/orbis/sites/default/files/generated/document/en/MinofDef_Global%20Strategic%20Trends%20-%202045.pdf

ONDA, K., SINHA, P., GAUGHAN, A.E. et al. (2019) *Missing millions: undercounting urbanization in India*. *Popul Environ* 41, 126–150. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11111-019-00329-2>

PRB (2019) *World Population Datasheet 2019* Disponível em http://www.prb.org/pdf17/2019_World_Population.pdf

QUESADO, Jaime (2019) «Europe and Africa's challenge for the future», *New Europe*. Euroafrican Forum. Disponível em: <https://www.neweurope.eu/article/europe-and-africas-challenge-for-the-future/>

RODRIGUES, T, XAVIER, A. (2013) «Reconceitualizar a Segurança e a Defesa Nacional: O Futuro e a Importância do Fator Demográfico» In *Revista de Ciências Militares*, 1, nº1, maio 2013. 59-61.

RODRIGUES, T. (2014) "Population dynamics. Demography matters". In: T. Rodrigues, R. Pérez e S. Sousa, eds., *Globalization and International Security: An overview*. Nova Iorque: NOVA Publishers, Nova Iorque, pp 38-41.

RODRIGUES, T. (2016) "Choques Demográficos". In: T. Rodrigues e J. Borges, coords., *Ameaças e Riscos transnacionais no novo Mundo Global*. Porto: Fronteira do Caos, 255-282.

RODRIGUES, T., SANTOS, A. (2018) *Demografia Política e Políticas de Segurança*, in *Modelos preditivos e segurança pública* (coord. Rodrigues, T, Painho, M.), Porto, Fronteira do Caos, 57-81

RODRIGUES, T. (2019) *Dinâmicas demográficas e Segurança. Jogo de Espelhos*, In Hermenegildo, Reinaldo Saraiva (coord.), *A Segurança Interna no Século XXI: Território e População*, Fronteira do Caos, Porto, 23-42

RODRIGUES, T.; HENRIQUES, F. (2016). *Re-birth. Demographic challenges facing Portuguese society*. Plataforma para o Crescimento Sustentável-Wilfried Martens Centre for European Studies.

RODRIGUES, Teresa F. (2012) "O Futuro (in)Certo das Dinâmicas Demográficas em Portugal». In LOPES, A, TEIXEIRA, Nuno, VIANA, Vitor (Coord.), *Contributos para Um Conceito Estratégico de Defesa Nacional*. Atena, nº28. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 205-230.

ROSA-LUXEMBURG-STIFTUNG (2019) *Atlas of arbeit migration Facts and figures about people on the move*. Disponível em: <https://www.rosalux.de/fileadmin/rlsuploads/pdfs/sonstpublikationen/atlasofmigration2019web1906141.pdf>

ROSER, M., Ortiz-Ospina, E. (2017) 'World Population Growth', abril. Disponível em: <https://ourworldindata.org/world-population-growth/>

Sciubba, J. (2011) *The Future Faces of War. Population and National Security*, Santa Barbara-Denver-Oxford, Praeger.

THAKUR, Atur (2019) *India enters 37-year period of demographic dividend*. The Economic Times. Disponível em: https://economictimes.indiatimes.com/news/economy/indicators/india-enters-37-year-period-of-demographic-dividend/articleshow/70324782.cms?utm_source=contentofinterest&utm_medium=text&utm_campaign=cppst

UA (2017) *Roteiro da União Africana sobre o "aproveitamento do dividendo demográfico através de investimentos na juventude"*. Disponível em: <https://au.int/sites/default/files/pages/33794-file-au2017ddroadmapfinal-port.pdf>

UN (2014) *World Urbanization Prospects: The 2014 Revision*. Disponível em <https://esa.un.org/unpd/wup/publications/files/wup2014-highlights.pdf>

UN (2017) *International Migration Report 2017* Disponível em <https://www.un.org/development/desa/publications/international-migration-report-2017.html>

UN (2019) *World Population Prospects: the 2019 Revision*. Disponível em http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/ageing/WPA2019_Highlights.pdf

UNPFA (2017) Programming the Demographic Dividend: from Theory to Experience. Disponível em: <https://wcaro.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/unfpa-dividende-en-.pdf>

UNDP (2000) Replacement Migration: Is It a Solution to Declining and Ageing Populations? Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/ageing/replacement-migration.asp>

UNDP (2018) World Revue. Disponível em: <http://www.unfpa.org/data/world-population-dashboard>

UNODC (2019) World Drug Report 2019. Disponível em: <https://wdr.unodc.org/wdr2019/>

WEINER, M., RUSSELL, S. (ed.) (2001). Demography and National Security, Nova Iorque, Oxford: Bergham Books

WORLD POPULATION REVIEW (2020) Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/countries/>